UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

ANA ELIZABETH SOARES DE AZEVEDO

LIKES PARA O SEXISMO:

DESIGUALDADES DE GÊNERO REPRODUZIDAS NA PÁGINA PENSANDO PENSAMENTOS

Porto Alegre

2014

ANA ELIZABETH SOARES DE AZEVEDO

LIKES PARA O SEXISMO: DESIGUALDADES DE GÊNERO REPRODUZIDAS NA PÁGINA PENSANDO PENSAMENTOS

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Comissão de Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. André Iribure Rodrigues

Porto Alegre

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) intitulado ***LIKES* PARA O SEXISMO: DESIGUALDADES DE GÊNERO REPRODUZIDAS NA PÁGINA PENSANDO PENSAMENTOS***,* de autoria de ANA ELIZABETH SOARES DE AZEVEDO, estudante do curso de COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO, desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, 24 de novembro de 2014.

Assinatura:

André Iribure Rodrigues

Ana Elizabeth Soares de Azevedo

LIKES PARA O SEXISMO: DESIGUALDADES DE GÊNERO REPRODUZIDAS NA PÁGINA PENSANDO PENSAMENTOS

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Comissão de Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. André Iribure Rodrigues

Conceito: _____

Data da aprovação: _____

Componentes da Banca Examinadora:

_____

Professor Doutor André Iribure Rodrigues

Orientador

_____

Professora Doutora Luciana Pellin Mielniczuk

Examinadora

_____

Professora Mestra Marcia Veiga da Silva

Examinadora

AGRADECIMENTOS

Talvez esteja aqui o momento mais esperado ao concluir essa monografia. Um espaço especial para remercear todos aqueles que estiveram ao meu lado enquanto da realização desse trabalho.

Agradeço, primeiramente, ao meu professor orientador, André Iribure, que, mesmo sendo de uma formação diferente, aceitou compartilhar comigo seus saberes, seu intelecto e sua lucidez, além de guiar-me com respeito e ternura ao longo da produção desse trabalho de conclusão de curso.

Agradeço aos amigos que a UFRGS, de uma maneira ou de outra, me presenteou, e que foram peças fundamentais no meu desenvolvimento durante a vida universitária, além de representarem a mais bonita e sincera forma de laço social, a fraternidade.

Agradeço aos companheiros da revista Bastião e a ela própria, que simboliza, de forma real e concreta, a realização de um sonho e a busca eterna por comprometimento social na minha profissão.

Agradeço singularmente ao Ramiro, que acompanhou de perto todas as casualidades e questionamentos que vieram a culminar nesse trabalho, além de ser personagem *sui generis* na minha trajetória, sempre desafiando meus entendimentos e propondo reflexões sobre os sentidos da existência.

Agradeço a elas, Mari, Lu Müller, Lu Zanotto, Leila, Sasa, Ange e Ana, que me dão forças continuamente para lograr tal existência, que suportaram e ainda suportam cada constante compartilhamento da minha excentricidade, principalmente na elaboração desse trabalho.

Agradeço a minha família, aqui representada pelos meus sobrinhos Fernanda e Henrique, por simplesmente me mostrarem o que é o amor, constantemente.

Finalmente, agradeço, imensa e notadamente, à minha mãe, que durante toda minha vida e, especialmente nesses últimos e conturbados meses, esteve sem pestanejar ao meu lado, apesar de todas as dessemelhanças que compartimos.

“Quem não se movimenta, não sente as correntes que o prendem."

Rosa Luxemburgo

RESUMO

Esta monografia analisa a presença de manifestações sexistas em 16 imagens da página Pensando Pensamentos, no Facebook, publicadas entre abril e outubro de 2014. Busca-se compreender como se dá o processo de consolidação de um discurso hegemônico na Internet, a fim de identificar e problematizar os tensionamentos com o que foge dessa normatização. Tais tensionamentos se refletem, muitas vezes, em disparidades dentro do ciberespaço, em especial na rede social Facebook. Para isso, pondera-se a propósito das questões de gênero e esclarece-se seus principais conceitos. Logo após, é exposto o conceito de ciberespaço e as novas possibilidades de interação social nele presentes, refletindo-se sobre as perspectivas das formas de expressão e a relação social na Web. O referencial metodológico é uma análise de conteúdo com aspectos da análise de discurso Mediada pelo Computador, em quatro unidades. Conclui-se que as redes sociais oportunizam, de fato, formas alternativas de manifestações sobre gênero e sexualidade, abrindo espaço para o questionamento e, ao mesmo tempo, servindo como cenário para o reforço de declarações reacionárias, tal qual foi identificado na página Pensando Pensamentos. A aceitação do conteúdo misógino e de caráter heteronormativo ali divulgado, exposta nas interações da página, é expressiva.

Palavras-chave: Gênero. Feminismo. Internet. Redes sociais. Facebook.

ABSTRACT

This study examines the presence of sexist manifestations in sixteen images from the Facebok page Pensando Pensamentos, published between April and October 2014. It is seeked to understand how the process of consolidation of a hegemonic discourse on the Internet is concieved, in order to identify and problematize the tensions with the ones that escape this regulation. Such tensions are reflected often on disparities within cyberspace, especially in the social network Facebook. For this purpose gender issues are considered, with its main concepts clarified and the binary division between female and male is problematized. Soon after, it is exposed the concept of cyberspace and the new possibilities of social interaction present in it, reflecting on the prospects of expression and social relationships on the Web. The methodological framework is a content analysis with aspects of Mediated Discourse Analysis by Computer, done in four units. It is concluded that social networks enables, in fact, alternative forms of manifestations of gender and sexuality, making room for questioning and, at the same time, serving as a backdrop to the reinforcement of reactionary statements, as it was identified on the page Pensando Pensamentos. The acceptance of the misogynistic and heteronormative content publicized on the page and exposed in its interactions, is quite impressive.

Keywords: Gender. Feminism. Internet. Social networks. Facebook.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo de perfil no Facebook 55
Figura 2 – A página Pensando Pensamentos no Facebook 57
Figura 3 – Postagem na página da Dove 57
Figura 4 – Exemplos de imagens postadas pela página Pensando Pensamentos no período analisado 58
Figura 5 – Imagens das 16 postagens analisadas 65
Figura 6 – Imagem nº 7 72
Figura 7 – Imagem nº 15 74
Figura 8 – Imagem nº 16 78
Figura 9 – Imagem nº 1 79
Figura 10 – Imagem nº 8 80
Figura 11 – Imagem nº 3 83
Figura 12 – Imagem nº 10 84
Figura 13 – Imagem nº 6 85
Figura 14 – Imagem nº 11 86
Figura 15 – Comentários na imagem nº 3 90
Figura 16 – Comentários ofensivos na imagem nº 3 91
Figura 17 – Comentários que não compactuam com o conteúdo na imagem nº 3 ..92
Figura 18 – Comentários que compactuam com o conteúdo na imagem nº 6 93
Figura 19 – Comentários que questionam o conteúdo na imagem nº 6 94
Figura 20 – Comentários divergentes na imagem nº 6 95
Figura 21 – Comentários que contêm questionamentos na imagem nº 6 95
Figura 22 – Comentários que compactuam com o conteúdo na imagem nº 1 96
Figura 23 – Comentários que não compactuam com o conteúdo na imagem nº 1..97

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Imagens analisadas (identificadas por título, data, número de curtidas, número de compartilhamentos e número de comentários) 64
Tabela 2 – Textos presentes nas imagens analisadas 66
Tabela 3 – Unidades de análise e suas categorias 67
Tabela 4 – Códigos e unidades de análise 70
Tabela 5 – Termos reguladores nas mensagens 71
Tabela 6 – Imagens categorizadas por seu sentido 76
Tabela 7 – Imagens categorizadas pela natureza da representação 82
Tabela 8 – Cinco publicações mais curtidas 87

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11

2 GÊNERO E FEMINISMOS 16

2.1 A MULHER COMO O OUTRO 17
2.2 UMA QUESTÃO DE GÊNERO 21
2.3 FEMINISMOS 24
2.4 PÓS-ESTRUTURALISMO E PODER 30
2.4.1 Pós-estruturalismo 30
2.4.2 Heterossexualidade compulsória 32
2.4.3 Poder 34

3 COMUNICAÇÃO MEDIADA POR COMPUTADOR 37

3.1 O CIBERESPAÇO 38
3.2 A WEB 2.0 40
3.3 REDES SOCIAIS E CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS 42
3.3.1 Redes sociais 43
3.3.2 Construções identitárias 45
3.4 FACEBOOK E SUAS DINÂMICAS 48
3.4.1 O Facebook 48
3.4.2 Processos sociais 49

4 SEXISMO NA PÁGINA DO FACEBOOK PENSANDO PENSAMENTOS 53

4.1 UTILIZANDO O FACEBOOK 53
4.2 A PÁGINA PENSANDO PENSAMENTOS 55
4.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 59
4.3.1 Análise de conteúdo 59
4.3.2 Análise de discurso mediada por computador 60
4.4 PROCEDIMENTOS ADOTADOS 62

5 ANÁLISE DOS DADOS 68

5.1 PRESENÇA DE UM CARÁTER REGULADOR DE GÊNERO 70
5.2 ESTRATÉGIAS DE REGULAÇÃO 75
5.3 REPRESENTAÇÕES CONSTRUÍDAS 81
5.4 ATOS DIGITAIS NA MANUTENÇÃO DOS PADRÕES 87
5.5 TENSÕES DE GÊNERO NA REDE 98

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 102

REFERÊNCIAS 107

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi germinado a partir de constantes reflexões e ebulições ocorridas durante cinco anos de estudos universitários, não só a respeito da Comunicação Social e do Jornalismo, mas também acerca da sociedade e seus caminhos traçados historicamente em relação aos direitos humanos e as minorias. Tais reflexões provocam questionamentos sobre as possibilidades da sociedade para o futuro, em especial no que diz respeito aos direitos das minorias e o aprimoramento de políticas públicas em prol da diversidade. Ao estudar o fazer jornalístico e o papel do jornalista, muitas vezes evidenciou-se, para a autora desta monografia, o verdadeiro compromisso do jornalista. Hoje, prestes a concluir uma trajetória de aprendizados dentro da Comunicação Social, parece claro que o papel do jornalista vai ao encontro com o interesse público.

Em meio às inúmeras pesquisas realizadas dentro da Universidade, foram constatados e descobertos dados consideráveis sobre uma temática de interesse pessoal evidente: a mulher e o volume de definições, condições e incumbências que ela carrega somente pelo fato de sê-la. Afinal, a mulher ainda se encontra aquém nas relações de poder na sociedade contemporânea Para citar: 7 em cada 10 mulheres sofrem ou irão sofrer algum tipo de violência no mundo;[1] o Brasil é o 7º país no ranking de homicídios femininos;[2] a cada 12 segundos uma mulher é estuprada no Brasil;[3] em 2005 foram 1.403 casos de estupro registrados no Rio Grande do Sul, e em 2012 foram 4.681;[4] em 2012 o Brasil registrou 51.101 casos de estupro;[5] a cada 1 hora e meia, uma mulher morre vítima de violência masculina no Brasil.[6]

Tais dados são apenas alguns exemplos e alarmam independentemente da temática. A partir desse cenário violento e de outras constatações, viu-se a

---

[1] Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/mundo/violencia-nascer-mulher-define-existencia-social-diz-onu,1f73983035526410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>. Acesso em: 2 nov. 2014.
[2] Disponível em: <http://institutoavantebrasil.com.br/topicos/mapa-da-violencia-contra-a-mulher/>. Acesso em: 2 nov. 2014.
[3] Disponível em: <http://noticias.r7.com/brasil/a-cada-12-segundos-uma-mulher-sofre-violencia-no-brasil-informa-secretaria-de-politicas-para-mulheres-02082013>. Acesso em: 2 nov. 2014.
[4] Disponível em: <http://mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_mulher.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2014.
[5] Idem ao 4.
[6] Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres_novo.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2014;

necessidade de ampliar o conhecimento a respeito das posições ocupadas pelas mulheres na contemporaneidade, e, a partir de uma premissa indagadora, identificar como as construções sociais e históricas são significativas na manutenção de desigualdades históricas, e como o meio acadêmico torna-se espaço privilegiado para uma pesquisa sobre as formas de regulação do “ser mulher”. Ao adentrar os estudos de gênero, que amparam discussões sobre questões e argumentos no que diz respeito às construções sociais da sexualidade, do masculino e do feminino, notou-se uma ânsia ainda maior por reflexões e contestações, devido ao conforto causado pela possibilidade de discutir, questionar e criticar a preservação das disparidades que culminam na violência contra a mulher.

Junto a essas constatações, ao fazer parte do jornalismo independente por meio da concepção, da criação e do desenvolvimento da revista *Bastião*,[7] além das discussões ocorridas em sala de aula, a autora acompanhou o desenvolvimento do debate sobre os novos rumos do jornalismo e suas possibilidades em tempos de Web 2.0, conhecimento colaborativo e compartilhado, *smartphones* e afluência exorbitante de informações disponíveis na Internet. Foi possível observar que o ciberespaço amplia a possibilidade de representação de uma infinidade de cenários e alternativas em diversos âmbitos sociais, inclusive no que se refere às questões de gênero, por servir como base tecnológica para amplas formas de manifestações.

Posto isso, iniciou-se um processo de investigação atenta e cuidadosa, na Internet, a respeito das temáticas que abrangem o gênero e as mulheres. Inúmeros casos foram observados, dentro e fora do ambiente da Comunicação Social, como o aumento da visibilidade de *sites* com temática feminista, a organização das mulheres em torno do próprio feminismo, os questionamentos a respeito dos direitos de homossexuais, em particular das mulheres, e muitos outros. Porém, ao mesmo tempo em que foi notável o crescimento da organização das mulheres em volta dos feminismos para tratar de questões legais e reflexivas nesses espaços digitais, também foi possível perceber a reprodução desenfreada de sensos comuns acerca das representações de gênero e sexualidade. A autora observou que, embora a Internet possibilite incontáveis avanços na refutação e interpelação dos padrões vigentes na sociedade ocidental, ela também pode oportunizar a propagação de discursos hegemônicos em grande escala, em especial por meio das redes sociais.

[7] Disponível em: <www.bastiao.net>.

Dessa forma, nasceu, desenvolveu-se e culminou-se na ideia de trabalhar e pesquisar tais observações. A autora acredita na importância de uma pesquisa que busque trazer à tona, no campo da Comunicação Social e do Jornalismo, as conjunturas que podem ser instrumentalizadas e refletidas nessa área que, em pleno 2014, ainda corroboram com argumentações generalizadas e simplistas que conservam desigualdades de gênero e das demais minorias. Com o intuito de questionar os limites da Internet, se verificado que ela serve como sustentação para manifestações reacionárias, além de fonte de informação, essa pesquisa pretende problematizar o ciberespaço, ambiente democrático, que, exatamente por esse fato, pode servir a interesses contraditórios.

O presente trabalho visa, essencialmente, oferecer um questionamento de interesse público. Da mesma forma, pretende propor uma reflexão sobre as relações dos padrões opressores que ainda trazem consequências sérias para a sociedade, na medida em que as mulheres continuam sujeitas a arbitrariedades, regulamentações e violências. As mulheres permanecem aptas a serem prejudicadas socialmente e/ou fisicamente, seja pela diferença salarial, pelo preconceito com sua vestimenta, pela objetificação do seu corpo, por abusos verbais ou por meio do estupro, entre outros. Como estudante de Comunicação e Jornalismo, a autora crê na necessidade de exposição e problematização de tais produções simbólicas, que continuam a afetar pessoalmente a trajetória da maior parte das mulheres que se veem submetidas aos padrões de comportamento e papéis de gênero impostos pela sociedade. Então, decidiu-se realizar uma análise de conteúdo dentro da plataforma Facebook*,* em especial na página Pensando Pensamentos*,* possuidora de características que corroboram com a temática deste trabalho, com a finalidade de expor manifestações sexistas nela presentes.

Assim, o objetivo principal desta monografia é compreender como se dá o processo de consolidação de um discurso hegemônico na Internet, a fim de identificar, delimitar e problematizar a presença de posturas reacionárias e sexistas decorrentes de juízos de valor dentro do ciberespaço, em especial na rede social Facebook. Como objetivos específicos, tem-se: 1) verificar a presença de um caráter regulador de gênero nas postagens; 2) averiguar quais são as estratégias de regulação das práticas sociais e/ou sexuais das mulheres e os comportamentos nelas desprezados; 3) verificar as origens das justificativas ou dos motivos para tais

menoscabos; e 4) verificar a manutenção do padrão de discurso hegemônico presente nas postagens.

Para tanto, serão utilizados como processos metodológicos uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa documental, por meio de uma Análise de Conteúdo baseada em fatores da Análise de Discurso Mediada pelo Computador. A pesquisa bibliográfica visa, primeiramente, revisar a evolução histórica e acadêmica dos Estudos de Gênero e dos feminismos, a fim de compreender suas diversas especificidades. Parte-se de uma perspectiva pós-estruturalista para refletir as tramas desta monografia. É proposta uma identificação, um mapeamento e, então, uma crítica desconstrucionista dos estereótipos baseados em senso comum e dos padrões opressores, frutos de uma construção social, e reproduzidos ainda hoje.

É relevante salientar a dificuldade em lidar com o pós-estruturalismo dentro da construção de uma monografia, sendo preciso moldar uma estrutura e seguir uma linha de raciocínio ao empreender uma pesquisa acadêmica. Percebe-se, ao reflexionar por essa perspectiva, que desconstruir não significa destruir. Assim, é assumida uma proposta de repensar esses padrões e buscar a possibilidade de uma desestabilização do modelo hegemônico. Além disso, faz-se necessário afirmar que a autora, mulher, branca, estudante universitária e centrada dentro de uma epistemologia feminista, possui consciência que:

> Aceitar ou reivindicar tal qualificação supõe um processo que passa, certamente, por uma aceitação anterior: a de que nenhuma pesquisa, ou melhor, nenhuma ciência, é desinteressada ou neutra. A pesquisa feminista é, então, assumidamente, uma pesquisa interessada e comprometida, ela fala a partir de um dado lugar. (LOURO, 1997, p. 143).

A pesquisa bibliográfica busca, ademais, aclarar as particularidades do ciberespaço e da comunicação mediada pelo computador, com a intenção de compreender as representações dos atores sociais e as dinâmicas das redes sociais, em especial o Facebook. Na análise dos dados, busca-se validar um levantamento de informações e procurar, por meio de práticas metodológicas, elementos que sustentem e atinjam os objetivos dessa monografia, com a finalidade de compreender os processos de reprodução dos discursos sexistas na Internet.

Portanto, o presente trabalho está dividido em seis partes. O segundo capítulo faz uma revisão de referenciais teóricos que dizem respeito aos estudos de gênero, à história e aos desafios dos feminismos atualmente, com o auxílio de autores como Butler (2003), Louro (1997) e Silva (2010). O terceiro capítulo é focado na Internet e

em suas peculiaridades, transitando pelo ciberespaço, Web 2.0, pelas redes sociais, pelos atores sociais e pela possibilidade de violência simbólica dentro do ambiente tecnológico. Autores como Castells (2003), Recuero (2009), Primo (2007) e Lévy (1999) contribuíram para as observações expostas nesse capítulo. Na quarta etapa, é possível encontrar a apresentação do objeto empírico desta pesquisa, a página Pensando Pensamentos, e a explicação a respeito da metodologia e dos procedimentos utilizados na exploração do *corpus.* O quinto capítulo corresponde à análise das informações e interpretação dos dados obtidos durante a pesquisa.

2 GÊNERO E FEMINISMOS

É fato que, ao longo dos tempos, a mulher sofreu e ainda sofre diferentes tipos de práticas discriminatórias baseadas, essencialmente, em convenções de gênero e sexualidade. Neste capítulo serão apresentados os referenciais teóricos que dizem respeito a essas questões, a fim de tornar possível, posteriormente, uma desconstrução do viés universalista que contribui com a perpetuação de tais convenções, crenças e práticas.

Primeiramente será realizada uma contextualização histórica, com base nos escritos de Simone de Beauvoir, no livro *O Segundo Sexo* (1949), dos principais processos sociais de opressão pelos quais passaram as mulheres da sociedade ocidental. É importante ressaltar que este trabalho não pretende representar a vivência de todas as mulheres, posto que cada uma possui suas especificidades, sua cultura e sua história. É sabido que uma significativa parte dos pensamentos representativos do início dos estudos feministas, especialmente nos Estados Unidos e na Europa, foi produzida majoritariamente por mulheres brancas, heterossexuais e de classe média. Porém, tal fato não elimina a importância da contextualização histórica, afinal, a evolução desses estudos busca ir ao encontro de uma pluralidade que as primeiras reivindicações não deram conta no início do século XX.

Após essa contextualização, será esclarecido o conceito de gênero utilizado nesta pesquisa. A partir de autoras como Butler (2003), Louro (1997) e Silva (2010), o gênero será estudado como elemento fundacional e, ao mesmo tempo, reflexo da divisão binária reguladora de papéis e convicções entre homens e mulheres. Tal visão promove discursos que “regulam, normalizam, instauram saberes e produzem ‘verdades’” (LOURO, 1997, p. 26) sobre diferentes questões, como identidade sexual, raça, ou classe social, que acabam marginalizando parcelas da sociedade que fogem às normas, como as mulheres, os homossexuais, os negros e os mais pobres.

Então, será discutido o surgimento e a evolução do movimento feminista no âmbito político, inicialmente, e, depois, suas contribuições no contexto acadêmico. Para esse trabalho, será utilizado o termo *feminismos*, decorrente da conjuntura pós-moderna e pós-colonial do mundo globalizado contemporâneo. São diferentes movimentos que têm como objetivo representar e dar voz às diferentes e múltiplas

identidades e histórias que se encontram sob a designação biológica e/ou social de “ser mulher”.

Na tentativa de compreender como essas questões de gênero acarretam em desigualdades binárias e opressões, na medida em que existe um lado considerado como o mais “forte”, será feita uma análise partindo de uma perspectiva pós-estruturalista. Essa investigação tem o propósito de questionar o modelo hegemônico de heteronormatividade ainda vigente, e será realizada a partir do auxílio de alguns conceitos, como o de heteronormatividade compulsória (BUTLER, 2003) e de poder (FOUCAULT, 1987).

A discriminação sofrida por parcelas segregadas da sociedade provém de processos políticos e históricos, consolidados por meio de uma construção social com base em teorias construcionistas e deterministas. Como foi visto anteriormente, esse trabalho propõe, a partir de um ângulo pós-estruturalista, que o caminho para encontrar alternativas a essa realidade começa pela desconstrução desses “valores e representações hegemônicos de gênero que, em última instância, refletem a existência de um padrão heteronormativo” (SILVA, 2010).

2.1 A mulher como o Outro

No decorrer dos tempos, algumas autoras ousaram pautar teorias, nos mais diversos campos de pesquisa, para justificar a opressão feminina. No primeiro volume da obra icônica *O Segundo Sexo,* escrita em 1949, a feminista francesa Simone de Beauvoir delimita, no livro e em seu conteúdo, um divisor na institucionalização da crítica com referência intelectual a essas principais teorias, reforçando e instrumentalizando a crítica com tais justificativas.

Não por acaso, essas críticas insurgem, tendo em vista os espaços relegados às mulheres, ao que se sabe da história ocidental, em que a mulher sempre foi considerada como inferior ao homem, como pode ser observado em numerosos estudos históricos realizados nos últimos cem anos. Autoras como Beauvoir (1949), na metade do século XX, e Nicholson (1999), já no final do século, entre outras, ao longo desse período colocaram, e ainda colocam, em pauta a situação da mulher em diferentes instâncias, à luz do momento em que vivem. A constatação da mulher vista como submissa ao homem é fruto de uma sociedade patriarcal na qual o

homem branco é considerado soberano. A principal diferença entre a opressão das mulheres e a dos escravos, segundo Beauvoir (1949), é que a mulher sempre possuiu um vínculo com o seu opressor, sempre se relacionou com ele. O homem sempre teve a consciência de que necessitava da mulher para, essencialmente, realizar a tarefa de reprodução da espécie. Assim, desenvolveu-se historicamente, em especial no momento em que o homem passou a dar valor à propriedade privada, a ideia de que a “mulher verdadeira”, como expressa Simone de Beauvoir, era a que se submetia a ele.

A autora revisa historicamente os fatos místicos e misteriosos que envolvem as mulheres, em particular quando a ciência reprodutiva ainda não era conhecida, para explanar a questão do Outro. A gravidez e a menstruação, entre outros aspectos biológicos femininos, distanciavam-na da realidade considerada como normal: a masculina, segundo Beauvoir. A mulher se encontrava sempre fora do domínio dos homens, como algo extraordinário. Dessa forma, a mulher era vista como o Outro, já que o universo era dito masculino e os homens consideravam-se como sujeitos únicos e absolutos. Sobre a mulher como o Outro, diz Beauvoir:

> Lo Otro es la pasividad frente a la actividad, la diversidad que quiebra la unidad, la matéria opuesta a la forma, el desorden que se resiste al orden. La mujer está así consagrada al Mal. ‘Hay un principio Bueno que ha creado el orden, la luz y el hombre; y un principio malo que ha creado el caos, las tinieblas y la mujer’, dice Pitágoras. (BEAUVOIR, 1949, p. 129).[8]

Biologicamente, a mulher passa por processos, através de seu corpo, que os homens não conhecem, como a crise de puberdade mais acentuada, a menstruação mensal, as gestações longas, os partos dolorosos e a menopausa. Para justificar o mistério da reprodução, Aristóteles, segundo Beauvoir (1949), afirmava que o único criador era o pai, e que a mulher somente provia matéria passiva, posto que o macho simbolizava força, atividade, movimento e vida. Essa teoria aristotélica perpetuou-se durante toda Idade Média até o início da época moderna. Já Hegel (*apud* BEAUVOIR, 1949) assegurava que os dois sexos deveriam ser diferentes, sendo um ativo e o outro passivo, sendo a fêmea, obviamente, o sexo passivo.

Esse determinismo biológico que possui foco na força física do homem, considerada, por vezes, maior que a da mulher, deixa de analisar os contextos

[8] "O outro é a passividade diante da atividade, a diversidade que quebra a unidade, a matéria oposta à forma, a desordem que resiste à ordem. A mulher fica, assim, consagrada ao Mal. 'Existe um princípio bom que criou a ordem, a luz e o homem, e um princípio mal que criou o caos, as trevas e a mulher', disse Pitágoras." (Tradução livre da autora.)

ontológicos, econômicos, sociais e psicológicos de cada ser. Para Beauvoir (1949), o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa no mundo, mas ele não basta para defini-la.

“A humanidade não é uma espécie animal: é uma realidade histórica”, afirmou Beauvoir (1947, p. 92). Antes da descoberta dos metais, homens e mulheres dividiam praticamente de forma igual as tarefas sociais e econômicas. Porém, com o desenvolvimento das ferramentas, a força física tornou-se essencial, assim como a escravidão. Então, acontece o surgimento da propriedade privada, em que o homem branco se vê dono dos escravos (mesmo que esses possuam, quiçá, a mesma força física que seus donos), da terra e da mulher. Fato que, na visão de Beauvoir, é “a grande derrota histórica do sexo feminino”, caso seja considerado que houve, de fato, uma “luta”. “Quando a família e o patrimônio privado são as bases da sociedade, sem oposição, a mulher permanece também alienada”, sustenta a autora (1949, p. 132). Dedicada à procriação e às tarefas secundárias, despojada de sua importância prática e de seu prestígio místico, a mulher parece só como uma empregada, ocupando os espaços privados da casa, o quarto e a cozinha. Para Beauvoir, a opressão social que a mulher sofre é consequência de sua opressão econômica, já que o trabalho doméstico é insignificante perto do trabalho braçal realizado pelo homem e por seus escravos fora de casa. Sobre o sentimento de soberania do homem, Beauvoir escreve:

> Si la relación original del hombre com sus semejantes fuese exclusivamente una relación de amistad, no sería posible explicar ninguna clase de sujeción: esse fenômeno es una consecuencia del imperialismo de la conciencia humana, que busca cumplir objetivamente su soberania. (BEAUVOIR, 1949, p. 97).[9]

Assim, surge o patriarcado, com uma “escravidão doméstica” imposta às mulheres. Como cuidadora do lar, circulava essencialmente nos espaços privados, enquanto o homem participava também dos espaços públicos. Visto que não se podia obrigar efetivamente a mulher a ter filhos e somente cumprir sua função reprodutora, colocavam-nas em situações em que a única opção era a maternidade. O modelo hegemônico apresentava o matrimonio como projeto essencial de união entre os gêneros, relegando a mulher a uma posição submissa ao marido. Além

[9] "Se a relação original do homem com seus semelhantes fosse exclusivamente uma relação de amizade, não seria possível explicar nenhuma classe de sujeição: esse fenômeno é uma consequência do imperialismo da consciência humana, que busca cumprir objetivamente sua soberania." (Tradução livre da autora.)

disso, as medidas anticoncepcionais, o aborto e o divórcio eram proibidos. Portanto, dessa forma, a maioria das mulheres não possuíam oportunidades para participar da vida coletiva de outra maneira.

Como o homem reconhecia a necessidade da mulher para a continuação da sociedade, ele, por meio de um conjunto de instituições sociais que buscavam um determinado modelo de organização social, empreende a tentativa de encontrar maneiras para que ela continuasse subordinada com o passar dos tempos. Mesmo que tais atitudes sejam reflexo de uma masculinidade construída por um conjunto de fatores e instituições, é importante ressaltar que o controle desses elementos e instituições reguladoras sempre esteve, essencialmente, com os homens. As mulheres que reproduziam tais condições, o faziam por serem vítimas do sistema, ao passo que o homem sempre foi o agente de tais modelos.

Assim, nasceram os princípios religiosos da mulher casta e dócil, virgem e consagrada, como foi constatado, por exemplo, na Inglaterra do século XIX com a mulher vitoriana. Sobre essa denominação, explica Maria Monteiro:

> Na Inglaterra do século XIX, mais precisamente no período vitoriano, o progresso das ciências e a sofisticação da técnica, com reflexos em todas as camadas sociais, criaram um ambiente propício para o surgimento de um tipo feminino cujo perfil se pode nitidamente traçar. Nessa época, com efeito, o questionamento religioso de par com um processo evolutivo indiferente aos anseios sociais suscitou a necessidade de se buscar um ponto de equilíbrio entre o público e o privado, uma base que refletisse solidez e estabilidade. Esta base, naturalmente, era o lar, e como seu representante elegeu-se alguém com as qualidades de guardião da moral e da castidade. A exigência de um anjo do lar fez nascer a mulher vitoriana. (MONTEIRO, 1996, p.61).

De acordo com Monteiro (1996), a mulher dessa época deveria ser pura, delicada, passiva, submissa e bela. Elas tinham seu papel na sociedade resumido à vida doméstica e a compromissos sociais rasos, como bailes ou visitas a igreja. Tais qualidades, forjadas socialmente, serviriam como auxílio para o perdão da culpa da mulher e ela poderia ir, então, junto com o homem, ao paraíso. A mulher acaba adquirindo um *status* de coisa, objeto. No decorrer da sociedade patriarcal, ela pertence ao pai e depois ao marido, que a adquire por meio de dotes ou outras ferramentas “presenteadas” à sua família. O poder político sempre esteve presente nas mãos dos homens; a mulher era somente mediadora do direito, nunca sua possuidora. Como a natureza, seu destino é ser submetida, possuída e explorada pelo homem. Beauvoir (1949, p. 124) afirma que o lugar da mulher na sociedade é

sempre o que foi designado a elas, nunca elas impuseram suas próprias leis, portanto:

> La historia nos muestra que los hombres han tenido siempre todos los poderes concretos; desde los comienzos del patriarcado han juzgado útil mantener a la mujer em un estado de dependencia; sus códigos han sido establecidos contra ella, y de ese modo ha sido constituída concretamente en el Otro. (BEAUVOIR, 1949, p. 223).[10]

Quando surge a burguesia, após o fim do feudalismo, as leis seguem as mesmas, com a emancipação só sendo possível fora do matrimônio. Já as mulheres pobres, obrigadas a trabalhar como seus maridos, especialmente após a Revolução Industrial no século XIX, conseguem encontrar uma maior igualdade perante aos homens pobres, pois também contribuem com o sustento da família. Mesmo com a chegada dos tempos modernos, com a industrialização, são negadas às mulheres instrução e cultura. Tiram-lhe responsabilidades básicas em nome do cavalheirismo, afirma a autora.

No que diz respeito aos apontamentos históricos e aos questionamentos propostos por Beauvoir nessa obra, Sarti (2004, p. 35) sustenta que a pensadora expressou “a ideia básica do feminismo: a desnaturalização do ser mulher”. É fato que a história acaba por generalizar alguns acontecimentos. Durante todo esse período, em que grande parte das mulheres via-se subordinada aos homens, algumas ousaram questionar o sistema vigente. A partir dessas contestações é que surgiu o movimento conhecido como feminismo e, mais adiante, os estudos de gênero, que acarretaram em significativas mudanças na vida das mulheres e outras minorias. Essas questões serão mais bem elucidadas adiante, neste capítulo.

2.2 Uma questão de gênero

O conceito de gênero que será utilizado neste trabalho, afastando-se da definição básica de sexo feminino ou masculino, engloba as profundas relações sociais das distinções baseadas no sexo e delineadas pelas redes de poder de uma sociedade. Tal conceito funciona, assim, “como uma ferramenta analítica que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta política” (LOURO, 1997, p. 25). De acordo com

[10] "A história nos mostra que os homens tiveram sempre todos os poderes concretos; desde o início do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em um estado de dependência; seus códigos foram estabelecidos contra ela, e dessa forma ela se constituiu concretamente como o Outro." (Tradução livre da autora.)

Meyer (2004, p.14), o gênero serve para argumentar que “diferenças e desigualdades entre mulheres e homens eram social e culturalmente construídas e não biologicamente determinadas”. Essa concepção torna-se indispensável aqui, pois, como explica Judith Butler:

> A univocidade do sexo, a coerência interna do gênero e a estrutura binária para o sexo e o gênero são sempre consideradas como ficções reguladoras que consolidam e naturalizam regimes de poder convergentes de opressão masculina e heterossexista. (Butler, 2003, p. 59).

Dessa forma, o gênero pode ser considerado como uma categoria capaz de auxiliar no pensamento crítico a respeito da produção de convenções sociais sobre masculino e feminino, que, a partir das relações de poder, acabam por produzir hierarquias e desigualdades. O binarismo proposto e exposto nas principais relações da sociedade ocidental serviu, e ainda serve, de base para diversas ações discriminatórias maquiadas como “naturais”. A estrutura compulsória focada na superioridade do homem branco, heterossexual e burguês segrega o restante da população que não se enquadra nessa categoria, como as mulheres, os homossexuais, os negros, os pobres, etc. As desigualdades encontram-se efetivamente no social, em diferentes instâncias, como classe, cor, raça e identidade sexual. “A dificuldade encontrada pelas minorias, na alteração do regime falocêntrico, indica a estrutura do binarismo de gênero como obstáculo no avanço na crítica do modelo hegemônico” (IRIBURE, 2008, p. 121).

Esta pesquisa tem como foco as consequências desse modelo hegemônico binário e heterossexual nas relações entre homens e mulheres e na opressão sexista. Sobre esses efeitos, Marcia Veiga da Silva explica:

> As distinções de gênero não raro se transformam em relações desiguais entre o masculino e o feminino em todos os campos da vida social: nos corpos, nos discursos, nos conhecimentos, nas leis, nas práticas sociais, nas famílias [...]. É a partir dos símbolos culturais hegemônicos, produzidos nas instâncias de poder, que se operam os sentidos entendidos como legítimos sobre o que significam masculino e feminino, indicando, também, os lugares sociais destes. (SILVA, 2010, p.51).

As formas como se dão as distinções de gênero variam conforme o contexto histórico em que se encontram. A partir da modernidade e da pós-modernidade,[11]

[11] Segundo David Harvey, o pós-modernismo pode ser considerado como uma revolta artística e cultural, bem como uma revolta política progressista organizada pelo próprio modernismo. Seria um conjunto de pressupostos, experiências e proposições de um período já existente, uma condição histórico-geográfica de uma certa espécie em um mundo capitalista. (HARVEY, 1994).

novas possibilidades de pensar o conceito de gênero se apresentam como reivindicação, pois, na prática, sempre existiram, mas com suas visibilidades negadas. "Como fenômeno inconstante e contextual, o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes" (BUTLER, 2003, p. 29).

Dois fatores que contribuem intensamente para a consolidação das opressões e desigualdades na sociedade ocidental são a linguagem e o discurso. Ambos ajudam a moldar a noção compartilhada de realidade, do “natural” e do “correto”. A linguagem “não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças” (LOURO, 1997, p. 65). O principal padrão da linguagem, no masculino, é, de praxe, utilizado para expressar o universal, o todo, fixando a subordinação da mulher e o ocultamento do feminino, a fim de conservar a supremacia do homem. Além disso, como explica a pesquisadora Guacira Lopes Louro (1997, p. 67), as

> diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos, pelo uso (ou não) do diminutivo, pela escolha dos verbos, pelas associações e pelas analogias feitas entre determinadas qualidades, atributos ou comportamentos e os gêneros (do mesmo modo como utiliza esses mecanismos em relação às raças, etnias, classes, sexualidades etc.),

também auxiliam na demarcação dos lugares dos gêneros no âmbito social. Tais sentidos impostos pela linguagem refletem-se consideravelmente nas relações de poder. Essa linguagem de significados condicionados pela dualidade masculino/feminino promove a “estratégia política da dominação sexual” (BUTLER, 2003) e auxilia na fundamentação do conceito da “heterossexualidade compulsória” cunhado pela filósofa estadunidense Judith Butler, que será explanado mais adiante, neste capítulo.

Susana Bornéo Funck (2014), em seu artigo *Desafios atuais dos feminismos*, cita um exemplo que demonstra claramente o efeito da linguagem, acompanhada do binarismo regulador, como consolidador de realidades baseadas em “papéis” pertencentes aos homens e às mulheres:

> Uma menina de seus quatro ou cinco anos deu um “pum” enquanto brincava na sala perto do pai, que lia o jornal. O pai imediatamente a interpelou: “O que é isso, minha filha? Menina não peida”. Surpresa, a menina foi perguntar à mãe se era verdade e, ao receber a confirmação, concluiu sem piscar: “mãe, então eu sou homem”. (FUNCK, 2014, p.29).

A partir de tais perspectivas baseadas nas construções culturais e sociais da sociedade, Dagmar Meyer (2004) sintetiza as principais suposições subentendidas quando se decide operar com o conceito de gênero:

> a) assumir que diferenças e desigualdades entre mulheres e homens são social, cultural e discursivamente construídas e não biologicamente determinadas; b) deslocar o foco de atenção da 'mulher dominada, em si' para a relação de poder em que tais diferenças e desigualdades são produzidas, vividas e legitimadas; c) explorar o caráter relacional do conceito e considerar que as análises e intervenções empreendidas neste campo de estudos devem considerar ou, pelo menos, tomar como referência, as relações – de poder - e as muitas formas sociais e culturais que, de forma interdependente e interrelacionada, educam homens e mulheres como "sujeitos de gênero"; d) 'rachar' a homogeneidade, a essencialização e a universalidade contidas nos termos mulher, homem, dominação masculina e subordinação feminina, dentre outros e, com isso, tornar visíveis os mecanismos e estratégias de poder que instituem e legitimam estas noções; e) explorar a pluralidade, a conflitualidade e a provisoriedade dos processos que delimitam possibilidades de se definir e viver o gênero em cada sociedade, nos seus diferentes segmentos culturais e sociais (MEYER, 2004, p. 15).

Dessa forma, "as estratégias engendradas passam, assim, a organizar o social e definir o humano" (SWAIN, 2014) e, com base nessas definições, as culturas de opressão são consolidadas. Butler (2003, p. 52), ao refletir sobre as consequências e possíveis perspectivas do gênero como ferramenta política e analítica, evidencia que o feminino, como renegado dentro do sistema, "constitui uma possibilidade de crítica e de ruptura com esse esquema conceitual hegemônico". Essa possibilidade tornou-se um dos principais focos dos estudos feministas e de gênero. O próximo tópico versará sobre os feminismos como movimento político e sua entrada no meio acadêmico.

2.3 Feminismos

O conceito de feminismo surgiu no momento em que as mulheres começaram a se organizar coletivamente para exigir e demandar por seus direitos e sua igualdade perante o homem. Para esse movimento,

> [...] a diferença baseada nos sexos leva ao questionamento das relações de poder da sociedade patriarcal, da inferiorização da mulher, enquanto incapaz como cidadã de regular sua própria história. Essa postura leva a provocações do cânone de diversas instituições, que vão resistindo e se adequando ao "novo" ator social. (IRIBURE, 2008, p. 107).

Segundo Cynthia Sarti (2004, p 35), o feminismo engendrou-se baseado nas inquietudes de uma identidade sexual compartilhada, mas dividida e misturada pela

multiplicidade de “mundos sociais e culturais nos quais a mulher se torna mulher”. A história do movimento feminista é marcada por diversos fatos relevantes ao longo de mais de 200 anos, mesmo que antes disso, em distintos momentos da história, ações isoladas ou coletivas de mulheres puderam ser observadas (LOURO, 1997). Durante a Revolução Francesa, que iniciou em 1789, considerada um dos marcos históricos do feminismo, as mulheres se estruturaram em uma luta por igualdade de direitos e deveres (IRIBURE, 2008).

O século XIX, junto com a Revolução Industrial, trouxe significativas mudanças nos campos políticos e sociais, junto com a chamada Primeira Onda Feminista no mundo ocidental. Essa primeira “etapa” do movimento feminista centrou-se na “reivindicação de direitos políticos, civis e sociais” (PEDRO *apud* IRIBURE, 2008, p. 107). As mulheres, podendo trabalhar nas fábricas, começaram a mobilizar-se buscando mudanças em suas condições. Certamente, a maior reivindicação do movimento feminista no final do século XIX foi o sufragismo, em que as mulheres reclamavam o direito ao voto. Entretanto, sobre esse processo, Guacira Lopes Louro explica:

> Com uma amplitude inusitada, alastrando-se por vários países ocidentais (ainda que com força e resultados desiguais), o sufragismo passou a ser reconhecido, posteriormente, como a "primeira onda" do feminismo. Seus objetivos mais imediatos (eventualmente acrescidos de reivindicações ligadas à organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a determinadas profissões) estavam, sem dúvida, ligados ao interesse das mulheres brancas de classe média, e o alcance dessas metas (embora circunscrito a alguns países) foi seguido de uma certa acomodação no movimento. (LOURO, 1997, p.19)

Foi na década de 1960 que surgiu a Segunda Onda Feminista. Após terem alcançado algumas conquistas no âmbito político, as feministas, nesse período, preocuparam-se especialmente com o fim da discriminação e a completa igualdade entre homens e mulheres. Na Segunda Onda, participantes e simpatizantes do movimento adentram também os campos teóricos, como comenta Dagmar Meyer:

> Estes movimentos remeteram, principalmente, à necessidade de investir mais em produção de conhecimento e estimularam o desenvolvimento sistemático de estudos e de pesquisas que tivessem como objetivo não só denunciar, mas, sobretudo, compreender e explicar a subordinação social e a invisibilidade política a que as mulheres vinham sendo historicamente submetidas (MEYER, 2004, p. 14).

O ano de 1968 é tradicionalmente reconhecido como uma referência de resistência, debates e reivindicações. Houve muitas manifestações coletivas de

grupos de intelectuais, jovens, negros, mulheres e diferentes minorias, que mostravam o seu descontentamento com a maneira como eram conduzidos os tradicionais arranjos sociais e políticos.

> É, portanto, nesse contexto de efervescência social e política, de contestação e de transformação, que o movimento feminista contemporâneo ressurge, expressando-se não apenas através de grupos de conscientização, marchas e protestos públicos, mas também através de livros, jornais e revistas. Algumas obras hoje clássicas — como, por exemplo, *Le deuxième sexe*, de Simone Beauvoir (1949), *The feminine mystíque*, de Betty Friedman (1963), *Sexual politics*, de Kate Millett (1969) — marcaram esse novo momento. Militantes feministas participantes do mundo acadêmico vão trazer para o interior das universidades e escolas questões que as mobilizavam, impregnando e "contaminando" o seu fazer intelectual — como estudiosas, docentes, pesquisadoras — com a paixão política. Surgem os estudos da *mulher*. (LOURO, 1997, p. 16).

No Brasil, o início da organização de um movimento feminista deu-se nos anos 1970, em um momento “significativamente marcado pela contestação à ordem política instituída no país, desde o golpe militar de 1964” (SARTI, 2004, p. 36). Nesse período, então, foi finalmente possível aclarar as diversas questões e obstáculos pelas quais passavam, historicamente, as mulheres e demais camadas segregadas da sociedade. O sexismo social e político a que as mulheres se viam confinadas tornou-se motivo de contestação e reflexão. As vozes das mulheres começaram a serem ouvidas, mudanças significativas foram alcançadas e elas viam-se, pela primeira vez, como sujeitos na sociedade.

Nos anos 1980, buscando compreender as raízes das discriminações de gênero, as feministas utilizaram o *patriarcado* como instrumento político de reivindicação, conforme mostra a pesquisadora feminista Tania Navarro Swain:

> [...] um sistema de dominação e convencimento instalado para criar a diferença e a desigualdade, com a instituição binária da sociedade e sua dessimetria. Esta noção de sistema implica sua extensão e aparelhagem social fundada em poderes arbitrários e discriminadores, na arquitetura das representações do humano em mulher e homem, diferentes por “natureza” (SWAIN, 2014, p. 36).

Nessa sociedade baseada no patriarcado, é possível observar a concepção de heteronormatividade, que continua de forma hegemônica até hoje. Na heteronormatividade, a orientação heterossexual – quando a pessoa se interessa sexual e sentimentalmente por alguém do sexo oposto – é a única considerada como normal e natural. Tal termo foi cunhado com o objetivo de apresentar e

questionar o modelo hegemônico. Como argumenta Meyer, nos percursos de fundamentações científica e acadêmica,

> as teorizações feministas também questionaram e abalaram, desde o início e de muitas formas, pressupostos básicos do paradigma de Ciência hegemônico, tais como a universalidade, a racionalidade, a neutralidade, a objetividade, a prerrogativa de definir 'a' verdade, a ascendência sobre qualquer outra forma de saber que não compartilhasse de tais requisitos, a suposição de uma essência humana – masculina e branca - centrada na razão, dentre muitos outros (MEYER, 2004, p 14).

Dessa forma, esses encadeamentos foram, e ainda são, intermediados por enfrentamentos entre aqueles que creem e corroboram com justificativas teológicas ou biológicas para as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres, e aqueles que, com base em entendimentos marxistas, "defendem a centralidade da categoria de classe social para a compreensão das diferenças e desigualdades sociais" (MEYER, 2004, p. 14). As convenções hegemônicas e seus pressupostos universalizantes têm como consequência a amplificação das discriminações sofridas por mulheres e, especialmente, pelos homossexuais e outras minorias.

Com o pensamento feminista difundindo-se no âmbito acadêmico, além do social e do político, diversas reflexões de caráter relevante foram surgindo. As inúmeras diferenças entre as mulheres e as distintas experiências vividas por cada uma, inevitavelmente influenciadas por sua raça, identidade sexual, cor ou classe social, ganharam destaque nos debates. O pluralismo das mulheres ficou em evidência e grupos de lésbicas, negras, indígenas, entre outros, foram sendo criados para aprofundar tais questionamentos. Dessa forma, passou-se a ser utilizado o termo *feminismos,* a fim de existir uma expressão que possa, ao menos, tentar contemplar a pluralidade significativa do movimento, que já não se pretende mais ignorar. A partir dessas constatações desenvolveram-se também os estudos de gênero, campo de pesquisa interdisciplinar exposto no tópico anterior, que, como expressa Meyer:

> Com este enfoque o conceito problematiza tanto noções essencialistas que remetem a modos de ser e de sentir, quanto noções biologicistas de corpo, de sexo e de sexualidade e disso resultam importantes mudanças epistemológicas e políticas para quem atua nesses movimentos sociais e campos de estudos (MEYER, 2004, p. 15).

Sobre a diversidade e complexidade desses fatos observados, a filósofa feminista estadunidense Sandra Harding reflete:

> Uma vez entendido o caráter arrasadoramente mítico do "homem" universal e essencial que foi sujeito e objeto paradigmático das teorias não feministas, começamos a duvidar da utilidade de uma análise que toma como sujeito ou objeto uma mulher universal — como agente ou como matéria do pensamento. Tudo aquilo que tínhamos considerado útil, a partir da experiência social de mulheres brancas, ocidentais, burguesas e heterossexuais, acaba por nos parecer particularmente suspeito assim que começamos a analisar a experiência de qualquer outro tipo de mulher (HARDING *apud* LOURO, 1997, p. 156).

Os feminismos contemporâneos possuem vastos materiais históricos que podem servir como base para seus próximos questionamentos e indagações. Além disso, os movimentos feministas estão em alta na sociedade ocidental atual. Com as possibilidades infinitas de comunicação e divulgação de informações, em especial no ciberespaço, vê-se cada vez mais fácil propagar ideais e pensamentos de características feministas. Entretanto, atualmente, mesmo após inúmeros triunfos e mudanças garantidas no decorrer dos últimos dois séculos, as mulheres (e os homens) feministas ainda contam com pautas na agenda a serem conquistadas.

Dados de pesquisas[12] comprovam que as mulheres ainda sofrem diversos tipos de discriminação pelo simples fato de serem do sexo feminino. O Brasil, apesar de iniciativas como a Lei Maria da Penha,[13] é um dos países com maior índice de violência contra mulheres e meninas. Com o aumento dos meios de disseminação de informações e opiniões, nota-se a “propagação de violência masculina e da manifestação de grupos que intentam frear, calar, domesticar as mulheres que escapam às teias do poder patriarcal, pois é a perda de poder sobre as mulheres que assombra o patriarcado" (SWAIN, 2014, p. 36). Casos de estupro, violência doméstica e diferentes tipos de assédio acontecem diariamente no Brasil e em outros países.

No âmbito político, as mulheres ainda lutam por sua total independência em várias dimensões, principalmente no que tange a diferença salarial entre homens e mulheres[14] que realizam as mesmas tarefas, a culpabilidade da vítima[15] em casos

---

[12] Pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), de 2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres_novo.pdf >. Acesso em: 12 set. 2014. Mapa da Violência em 2012. Disponível em: <http://mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_mulher.pdf>. Acesso em: 12 set. 2014.

[13] Lei aprovada em 2006, com objetivo de criar mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher. A lei é reconhecida pelas Nações Unidas como uma das três melhores legislações do mundo no enfrentamento à violência contra as mulheres. Disponível em: <http://www.institutomariadapenha.org.br/lei11340.pdf>. Acesso em: 13 set. 2014.

[14] A diferença salarial entre homens e mulheres está em torno de 13,75%. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/governo/2012/10/diferenca-salarial-entre-homens-e-mulheres-esta-em-torno-de-13-75>. Acesso em: 16 nov. 2014.

de estupro ou assédio e a delicada questão da legalização do aborto.[16] Bancadas religiosas e conservadoras nos governos dificultam o caminho para que a parcela da população conhecida como “minorias”, socialmente discriminada ao longo da história, garanta e assegure seus direitos nas legislações e perante a sociedade civil organizada. Como exemplo disso, nas eleições do dia 5 de outubro de 2014, foi eleita a bancada congressista mais conservadora desde 1964.[17]

Ademais, com o avanço e crescimento das tecnologias e da Internet, novas formas de ataques e opressões às mulheres estão surgindo. *Cyberstalking,*[18] compartilhamento indevido de imagens, insultos e provocações de cunho preconceituoso nas redes sociais,[19] etc., são só alguns exemplos. Os feminismos, como movimentos intelectuais, políticos e campos de pesquisas acadêmicas, possuem, ainda, incontáveis desafios a serem vencidos, pois seus objetivos e causas de luta para a participação da construção política da sociedade não cessam de surgir e de modificarem-se com o passar dos tempos. Sobre essas questões, a pesquisadora de gênero Susana Bornéo Funck alega:

> Com efeito, como todo movimento intelectual e político de amplo espectro que busca questionar estruturas e crenças naturalizadas pelo senso comum e adotadas pelo *status quo*, os vários feminismos surgidos, ou ressurgidos, na década de 1960 na cultura ocidental têm enfrentado grandes paradoxos e constantes desafios de várias ordens, alguns parcialmente superados, outros ainda merecendo cuidadosa atenção. Embora muitas das agendas feministas já estejam incluídas nos estudos acadêmicos e nos movimentos sociais de grande parte das nações contemporâneas, suas metas de igualdade na diversidade ainda estão longe de serem alcançadas. (FUNCK, 2014, p. 23).

Como foi visto até aqui, a origem das discriminações remetem a construções sociais baseadas numa lógica binária e heteronormativa, em que o homem

---

[15] Supremo Tribunal Judiciário (STJ) absolve acusado de estuprar garotas de programa de 12 anos. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/stj-absolve-acusado-de-estuprar-garotas-de-programa-de-12-anos-4429222>. Acesso em: 16 nov. 2014.

[16] Além do aborto não ser legal no Brasil, há um projeto de lei em tramitação no Congresso que prevê a proibição do aborto em caso de estupro. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Primeiros-Passos/Os-perigos-do-Estatuto-do-Nascituro/42/28055>. Acesso em: 16 nov. 2014.

[17] "Congresso eleito é o mais conservador desde 1964, afirma Diap". Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,congresso-eleito-e-o-mais-conservador-desde-1964-afirma-diap,1572528>. Acesso em: 8 nov. 2014.

[18] *Cyberstalking* significa o uso de Internet, *e-mail* ou outro tipo de aparelho eletrônico de comunicação para assediar uma pessoa. *Stalking* é definido como assédio ou comportamento ameaçador repetitivo. (Tradução livre da autora.) Disponível em: <http://www.cyberangels.org/security/stalking.php>. Acesso em: 13 set. 2014.

[19] Os conceitos de redes sociais e suas implicações serão explicados no próximo capítulo.

heterossexual é dotado de maior poder simbólico e os motivos variam conforme os períodos históricos. Sobre isso, Guacira Lopes Louro explica que:

> A lógica dicotômica carrega essa ideia. Em consequência, essa lógica supõe que a relação masculino-feminino constitui uma oposição entre um polo dominante e outro dominado — e essa seria a única e permanente forma de relação entre os dois elementos. (LOURO, 1997, p. 33).

Não se pretende, porém, reproduzir essa lógica heteronormativa neste trabalho. A presente pesquisa parte de uma perspectiva pós-estruturalista das desigualdades de gênero. Tal entendimento será desenvolvido no subcapítulo seguinte.

2.4 Pós-estruturalismo e poder

Os diferentes tipos de opressão sofridos pelas mulheres possuem sua origem nas relações de poder entre indivíduos de uma mesma sociedade. Muitos teóricos buscam compreender e também problematizar tais vinculações, elaborando teorias diversas a respeito do tema. Esse estudo irá tomar como base as relações de poder elucidadas por autores pós-estruturalistas que possuem o filósofo francês Michel Foucault como referência, a fim de reflexionar as distinções de gênero e suas consequências na sociedade. À vista disso, primeiramente serão esclarecidos os objetivos de uma crítica pós-estruturalista e, posteriormente, as relações de poder.

2.4.1 Pós-estruturalismo

A estrutura binária, sempre presente nas disparidades de gênero, concede papéis reguladores aos homens e às mulheres, dissemina “verdades” em relação a cada sexo e prende os indivíduos dentro de uma realidade construída e baseada em fortes discriminações. Com o propósito de fazer uma crítica a essa conjuntura, algumas teóricas dos estudos da mulher e de gênero apostam uma visão pós-estruturalista para desconstruir tais convicções.

Nessa vertente, como afirma Louro (1997, p. 145), não há a pretensão de estabelecer um “conjunto de conceitos teórico-metodológicos assentados, estáveis, mais ou menos indiscutíveis e aceitos por todas/os”. O pesquisador André Iribure comenta as possibilidades desse modelo crítico:

> A crítica pós-estruturalista, ao ser desconstrucionista e não propositiva, permite que se evidencie a tensão de uma transição. A decisão parece estar no âmbito do olhar, da sensibilidade de perceber o objeto, sua materialidade. Por um lado, perceber de forma libertária as possibilidades de subversão, pelas práticas de gênero, dos binarismos fundados na heterossexualidade compulsória. Em outra perspectiva, entender essas práticas como redundantes e reificadoras dos binarismos, mesmo que críticas. Considera-se, diacronicamente, complicado ser categórico numa tomada de decisão, e, portanto, se apoia na perspectiva pós-moderna de se trabalhar com as contradições mesmo que incômodas (IRIBURE, 2008, p. 123).

Assim, torna-se possível um pensamento mais abrangente em torno dos conceitos de gênero e suas implicações. As instituições reprodutoras do caráter binário não só mantêm e constroem as representações do masculino e do feminino, como também são elas mesmas constituídas e transpostas por tais entendimentos. Segundo Guacira Lopes Louro (1997, p. 24), o "caminho lógico para a emancipação das mulheres" encontra-se abertamente na "destruição" das causas centrais da opressão feminina, sejam elas quais forem, pois "o esquema polarizado linear não dá conta da complexidade social" (Idem, 1997, p. 38).

Sobre as correlações entre os movimentos contemporâneos feministas e pós-estruturalistas, Louro observa:

> Expressando-se de formas diversas, por vezes aparentemente independentes, feministas e pós-estruturalistas compartilham das críticas aos sistemas explicativos globais da sociedade; apontam limitações ou incompletudes nas formas de organização e de compreensão do social abraçadas pelas esquerdas; problematizam os modos convencionais de produção e divulgação do que é admitido como ciência; questionam a concepção de um poder central e unificado regendo o todo social, etc. (LOURO, 1997, p. 29).

Joan Scott, historiadora e pesquisadora estadunidense, também reflete essencialmente com um olhar pós-estruturalista sobre as relações de gênero. De acordo com Scott, é sempre fundamental e essencial "implodir" a lógica permanente da oposição binária (LOURO, 1997, p. 31). Ao refletir a propósito das ideias de Joan Scott e Judith Butler sobre as dimensões pós-estruturalistas, a pesquisadora Silvana Mariano (2005, p. 503) afirma que os principais pontos que as aproximam dessa perspectiva são "rejeitar os esquemas dicotômicos de pensamento; não ocultar as diferenças internas de cada categoria e pensar em termos de pluralidades e diversidades; e rechaçar as abordagens essencialistas".

O filósofo franco-argelino Jacques Derrida, um dos instituidores do termo desconstrução, também aponta "as limitações implícitas nessa rígida visão

polarizada” (*apud* LOURO, 1997, p. 31). A pesquisadora Guacira Lopes aponta algumas contribuições do pensamento de Derrida em uma interpretação pós-estruturalista:

> No "jogo das dicotomias", os dois polos diferem e se opõem e, aparentemente, cada um é uno e idêntico a si mesmo. A dicotomia marca, também, a superioridade do primeiro elemento. Aprendemos a pensar e a nos pensar dentro dessa lógica e abandoná-la não pode ser tarefa simples. A proposição de *desconstrução* das dicotomias — problematizando a constituição de cada polo, demonstrando que cada um na verdade supõe e contém o outro, evidenciando que cada polo não é uno, mas plural, mostrando que cada polo é, internamente, fraturado e dividido — pode se constituir numa estratégia subversiva e fértil para o pensamento. (LOURO, 1997, p. 31).

Tal perspectiva desconstrutiva também auxilia na compreensão da multiplicidade de personagens presentes nos polos já citados, do masculino e do feminino. Assim, os feminismos, a partir dessa concepção, podem considerar as “várias e diferentes mulheres que não são idênticas entre si, que podem ou não ser solidárias, cúmplices ou opositoras” (LOURO, 1997, p. 32), como já ilustrado no tópico anterior. Então, romper a dicotomia torna-se um caminho possível para “abalar o enraizado caráter heterossexual” (Idem, 1996, p. 32) presente na sociedade e que será exposto no próximo item deste trabalho.

2.4.2 Heterossexualidade compulsória

Em 1980, a escritora feminista estadunidense Adrienne Rich publicou um artigo sobre a experiência lésbica no qual expôs o termo *heterossexualidade compulsória* para explicar as inúmeras opressões masculinas para com as mulheres. As mulheres (e os homens também) são condicionados a viverem a partir da heterossexualidade, única opção naturalizada, em que qualquer outra escolha ou vivência é considerada fora do padrão. Sobre esse entendimento, Rich aponta:

> Quando nós encaramos de modo mais crítico e claro a abrangência e a elaboração das medidas formuladas a fim de manter as mulheres dentro dos limites sexuais masculinos, quaisquer que sejam suas origens, torna-se uma questão inescapável que o problema que as feministas devem tratar não é simplesmente a “desigualdade de gênero”, nem a dominação da cultura por parte dos homens, nem qualquer “tabu contra a homossexualidade”, mas, sobretudo, o reforço da heterossexualidade para as mulheres como um meio de assegurar o direito masculino de acesso físico, econômico e emocional a elas. (RICH, 1980, p. 34).

Ela também cita a escritora feminista Kathleen Barry, que produziu estudos aprofundados sobre o tráfico humano, especialmente o de mulheres, no que tange a naturalização da heterossexualidade como gancho para a opressão feminina:

> Ao considerarmos o desenvolvimento sexual obrigatório, que se entende como normal na população masculina, e considerando o número de homens que são cafetões, proxenetas, membros de gangues de escravidão, oficiais corruptos que participam deste tráfico, proprietários e empregadores de bordéis, estalagens e de locais de entretenimento, provedores de pornografia, associados com prostituição, espancadores de esposas, molestadores de crianças, perpetradores de incesto, clientes de prostituição e estupradores, não se pode apenas ficar chocado, por um momento, pela enorme população masculina que está engajada na escravidão sexual feminina. O grande número de homens engajados em tais práticas deveria ser a causa de uma declaração de emergência internacional, uma crise de violência sexual. Mas o que deveria ser a causa para alarme é, ao invés disso, aceito como um intercurso sexual normal. (BARRY *apud* RICH, 1980, p. 33).

São constatações fortes que problematizam as consequências dessa imposição da heterossexualidade, tanto para os indivíduos que não seguem essa sexualidade, quanto aos que a seguem. Judith Butler (2003) salienta que como a categoria do sexo, segundo Monique Wittig, é sempre considerada feminina, marcando o masculino como sinônimo do universal, “as mulheres nunca podem ‘ser’, precisamente porque constituem a relação de diferença, excluído pelo qual esse domínio se distingue” (BUTLER, 2003, p. 40).

Butler sintetiza sua visão sobre o tema,

> [...] a heterossexualidade apresenta posições sexuais normativas que são intrinsecamente impossíveis de incorporar, e a impossibilidade persistente do identificar-se plenamente e sem incoerências com essas posições a revela não só como lei compulsória, mas como comédia inevitável. Aliás, eu ofereceria essa visão da heterossexualidade como um sistema compulsório e uma comédia intrínseca, paródia constante de si mesma, com uma perspectiva gay/lésbica alternativa. (BUTLER, 2003, p. 176).

e também cita Wittig, sobre a *mentalidade heterossexual*:

> Wittig argumenta que a “mentalidade hétero”, evidente nos discursos das ciências humanas, “nos oprime a todos, lésbicas, mulheres e homens homossexuais”, porque eles “aceitam sem questionar que o que funda a sociedade, qualquer sociedade, é a heterossexualidade” (BUTLER, 2003, p. 168).

Assim, é possível pensar, focando na desconstrução dessa heterossexualidade compulsória, em alternativas para as vivências de sexualidade e

para o empoderamento[20] e fortalecimento dos indivíduos mais afetados por essas construções sociais, como as mulheres (heterossexuais, lésbicas, cisgênero, transgênero) e os homossexuais. Butler (2003, p. 39) ainda afirma que “no espectro da teoria feminista e pós-estruturalista francesas, compreende-se que regimes muito diferentes de poder produzem os conceitos de identidade sexual”. Essas possibilidades das relações de poder serão o assunto da última parte desse capítulo.

2.4.3 Poder

Ao refletir sobre os fundamentos das desigualdades de gênero, acaba-se, muitas vezes, utilizando a noção de poder como justificativa. Diz-se, genericamente, que o homem branco heterossexual possui mais poder do que as camadas marginalizadas da sociedade; porém, é preciso também refletir sobre as definições de poder. Sob a ótica desconstrucionista utilizada e proposta no presente trabalho, o termo “poder” e seus influxos serão analisados pelo viés das relações de poder propostas pelo filósofo francês Michel Foucault.

Sobre tal assunto, Judith Butler declara:

> O movimento pró-sexualidade no âmbito da teoria e da prática feministas tem efetivamente argumentado que a sexualidade sempre é construída nos termos do discurso e do poder, sendo o poder em parte entendido em termos das convenções culturais heterossexuais e fálicas. (BUTLER, 2003, p. 55).

Foucault desconstrói a definição clássica de poder, focada em uma relação básica entre um ente opressor e um oprimido. Na sua visão, as relações de poder são como uma rede, permeada de complexidades, infinitas possibilidades e direções, criando, legitimando e remodelando conceitos e verdades. Para o filósofo, é possível ver o poder como uma estratégia vinculada a "disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos" (FOUCAULT, 1987, p. 29). Assim, um sujeito pode exercer poder ao mesmo tempo em que existe alguma outra dominação ou influência sendo exercida sobre ele. No que tange a sexualidade, Butler explica:

> Para Foucault, ser sexuado é estar submetido a um conjunto de regulações sociais, é ter a lei que norteia essas regulações situada como princípio formador do sexo, do gênero, dos prazeres e dos desejos, e como o princípio hermenêutico de autointerpretação. A categoria do sexo é, assim,

[20] Do inglês, *empowerment*. Conquista da condição e da capacidade de participação, inclusão social e exercício da cidadania.

> inevitavelmente reguladora, e toda análise que a tome acriticamente como um pressuposto amplia e legitima ainda mais essa estratégia de regulação como regime de poder/conhecimento. (BUTLER, 2003, p. 142).

Dessa forma, é preciso perceber que os discursos heteronormativos e/ou patriarcais baseados em alguma noção de poder, construída socialmente em algum momento histórico, são passíveis de diferentes níveis de interpretação e legitimidade, são inúmeros “elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes” (FOUCAULT, 1988, p. 96). Em sua concepção, “o exercício do poder sempre se dá entre sujeitos que são capazes de resistir (pois, caso contrário, o que se verifica, segundo ele, é uma relação de violência)” (LOURO, 1997, p. 39). O filósofo afirma que

> É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas, também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras (FOUCAULT, 1988, p. 96).

A fim de concluir as reflexões desse capítulo, expõe-se uma consideração da pesquisadora Guacira Lopes Louro, ao pensar a posição da mulher na sociedade e nas redes de poder, como foi o objetivo central da primeira parte desta monografia:

> Na impossibilidade de "emancipar a mulher", passamos a operar com e numa sociedade onde todos os sujeitos exercitam e sofrem efeitos de poder, onde mulheres e homens são muitas "coisas" ao mesmo tempo (têm múltiplas identidades) e, sendo múltiplos, participam de intricadas redes de poder. Nossas análises e nossas formas de intervenção não podem abandonar as mulheres, mas serão mais eficientes na medida em que considerarem a pluralidade e a contingência dos sujeitos envolvidos. Os Estudos Feministas representaram uma "virada" fundamental para o pensamento ocidental, mas sem a reoxigenação resultante das alianças teóricas e políticas com outros estudos críticos é possível que eles tivessem se asfixiado, que tivessem se estreitado e se sufocado em suas próprias fronteiras. (LOURO, 1997, p. 58).

Dessa forma, como disse Antonio Maia ao analisar as teorias sobre poder de Foucault, "não há poder sem liberdade e sem potencial de revolta" (MAIA *apud* LOURO, 1997, p. 39). Existe uma abundância de perspectivas e alternativas no horizonte dessa temática. Depois de realizadas essas considerações, pertinentes aos estudos de gênero, o próximo capítulo versará sobre as possibilidades da comunicação em rede, por meio da Internet e das redes sociais, ambientes nos

quais atualmente também são observados diferentes formas de afrontas para com parcelas marginalizadas e/ou oprimidas da sociedade.

3 COMUNICAÇÃO MEDIADA POR COMPUTADOR

A evolução das tecnologias digitais possibilitou mudanças significativas na comunicação. Com o advento da Internet e seu constante desenvolvimento, o ato de comunicar-se tomou diferentes proporções, tangenciando diferentes aspectos da vida social das pessoas e das comunidades.

> O advento da comunicação mediada pelo computador (CMC) e seu espalhamento, através da apropriação das ferramentas técnicas proporcionadas pela Internet modificou profundamente o modo através do qual as pessoas se comunicam. (RECUERO, 2009, p. 118).

A fim de compreender de que modo o sexismo e as desigualdades de gênero estão presentes na Internet e seus desdobramentos na vida fora das telas, este capítulo revisará teoricamente os principais ângulos da chamada comunicação mediada por computador (CMC), com base em autores como Castells (2003) e Lévy (1999), que auxiliam numa visão sócio-tecnológica, e Recuero (2009) e Primo (2007), mais específicos no que tange as mediações na comunicação.

> A emergência da Internet como um novo meio de comunicação esteve associada a afirmações conflitantes sobre a ascensão de novos padrões de interação social. (...) a formação de comunidades virtuais, baseadas, sobretudo em comunicação on-line, foi interpretada como a culminação de um processo histórico de desvinculação entre localidade e sociabilidade na formação da comunidade: novos padrões, seletivos, de relações sociais substituem as formas de interação humana territorialmente limitadas. (CASTELLS, 2003, p. 98).

Dessa forma, primeiramente, será definido o conceito de ciberespaço, local não físico onde acontece a comunicação mediada por computador. Como bem denota Castells (2003), no momento em que a localização geográfica deixa de ser um empecilho para a comunicação imediata, novos padrões de interação social surgem. Refletir sobre as consequências e a forma em que ocorrem as interações nessas possibilidades, em especial nas comunidades virtuais, é um dos objetivos do presente capítulo.

A seguir, será comentada rapidamente a história da Internet e o momento que ela vive atualmente, a Web 2.0. Hoje se presencia a segunda onda de geração de serviços *on-line*, e as mudanças que levaram a Internet a ser o que se vê no momento atual foram cruciais para o desenvolvimento das interações sociais pela rede mundial de computadores. De acordo com o sociólogo espanhol, a Internet “é

uma extensão da vida como ela é, em todas as suas dimensões e sob todas as suas modalidades" (CASTELLS, 2003, p. 100).

Posteriormente, será pensado em como as redes sociais possibilitam inúmeras formas de expressão, sejam elas legítimas ou não. Já que, "a Internet foi apropriada pela prática social, em toda a sua diversidade, embora essa apropriação tenha efeitos específicos sobre a própria prática social" (CASTELLS, 2003, p. 99). Será relevante compreender como os atores interagem nessas redes e de que forma acontecem suas construções identitárias.

Finalmente, o capítulo versará sobre o *site* Facebook, criado em 2004 e atualmente a maior rede social da Internet, como será apontado adiante. Nele, as interações acontecem de incontáveis maneiras, como por meio de conversas, locuções escritas e publicações de imagens e vídeos. Na parte final deste capítulo, será também abordado o conceito de violência simbólica e outros processos sociais, recorrentes em manifestações no Facebook. Tal conceito servirá como auxílio, mais adiante, no intuito de identificar o sexismo e as desigualdades de gênero dentro dessa rede social.

3.1 O ciberespaço

A Internet não foi a primeira manifestação de interação social desterritorializada no âmbito dos meios de comunicação. Os correios e a telefonia, por exemplo, já haviam logrado esse feito há muito tempo. Entretanto, a Web oportunizou uma maior rapidez para que essas interações sociais acontecessem, conectando indivíduos independentemente se eles já possuíam algum laço social ou não.

A partir do momento em que relações sociais começaram a desenvolver-se em comunicações mediadas por computadores, tornou-se necessário refletir sobre o ambiente onde acontecem tais interações. Tal local, o ciberespaço,[21] representa o ambiente virtual em que a presença física e a proximidade geográfica não são necessárias para que ocorram diferentes formas de comunicação. O filósofo francês Pierre Lévy define ciberespaço como o "espaço de comunicação aberto pela

[21] Termo idealizado por William Gibson, em 1984, no livro *Neuromancer*, referindo-se a um espaço virtual composto por cada computador e usuário conectados em uma rede mundial.

interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores" (LÉVY, 1999, p. 92).

Ao final do século passado, Lévy previu:

> Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do início do próximo século. (LÉVY, 1999, p. 93).

O filósofo estava mais que correto. Atualmente, é difícil refletir sobre a realidade sem pensá-la em conjunto com o mundo virtual. As pessoas compartilham ou criam vidas inteiras dentro do ciberespaço e as possibilidades para tal fato não param de se desenvolver. Lévy enxerga esse espaço como “prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária, [...] como horizonte de mundo virtual vivo, heterogêneo e intotalizável no qual cada ser humano pode participar e contribuir” (LÉVY, 2009, p. 126).

A partir do ciberespaço, surge o conceito de cibercultura, com base nas relações sociais provenientes desse ambiente virtual. De acordo com Michel Maffesoli (*apud* LEMOS, 2004),[22] a “cibercultura constitui-se como uma ‘ciber-socialidade’, ou seja, como uma estética social alimentada pelas tecnologias do ciberespaço”. Para Lemos (2004), “a cibercultura forma-se precisamente da convergência entre o social e o tecnológico, sendo através da inclusão da ‘socialidade’ na técnica que ela adquire seus contornos mais nítidos”.

É esse espaço que permite as infinitas possibilidades de trocas, interações e comunicação entre indivíduos através da Internet. O que acontece no ambiente virtual não necessariamente influencia o mundo real. Porém, é impossível ignorar as conexões entre ambos os espaços. Dessa forma, o que é expresso na Internet pelos atores sociais do ciberespaço possui grande chance de intervir no que acontece fora dele.

Lévy (1999, p. 130) reflete: “o ciberespaço talvez não seja mais do que o indispensável desvio técnico para atingir a inteligência coletiva”. A comunicação mediada por computador (e por outras formas de tecnologias) que ocorre atualmente deixa de ser baseada na relação “um-todos” (LÉVY, 1999, p. 126), como na

---

[22] LEMOS, André. *Ciber-Socialidade. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea.* Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/cibersoc.html>. Acesso em: 30 set. 2014.

televisão, em que são passadas mensagens para os receptores, que permanecem passivos. No ciberespaço todos podem cumprir os papéis tanto de emissores quanto de receptores, aumentando o foco no coletivo.

O ciberespaço possibilita a criação de comunidades virtuais e interconexões específicas entre os atores sociais na Internet, principalmente entre os que possuem interesses em comum. Assim, a Web torna-se um espaço legitimado de expressão para tais usuários, que acabam expondo diferentes pontos de vista e opiniões, em especial por meio das redes sociais, universo coletivo e colaborativo. A desigualdade de gênero e o sexismo podem ser observados nesse ambiente virtual, como será verificado e evidenciado mais adiante, nessa pesquisa.

A característica do "coletivo" dentro da rede mundial de computadores é um fator significativo do momento que se vivencia atualmente. A próxima parte do presente capítulo versará sobre tal conjuntura especial da Internet, a Web 2.0.

3.2 A Web 2.0

O surgimento da Internet data dos anos 1960, mas a sua popularização iniciou há pouco mais de 20 anos, na década de 1980. A partir desse período até os dias de hoje, a Internet passou por significativas mudanças e desenvolvimentos. Atualmente, vive-se a chamada Web 2.0.[23] Segundo o pesquisador Alex Primo:

> A Web 2.0 é a segunda geração de serviços online e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo. (PRIMO, 2007, p. 1).

Esse momento pelo qual passa a Internet é determinado pela arquitetura de participação (O'REILLY, 2005). Em um primeiro instante, os emissores eram limitados dentro da rede, como em outros meios de comunicação. A partir da emergência da Web 2.0, esse fato modificou-se e os inúmeros atores sociais ganharam mais independência dentro da *World Wide Web*. Primo (2007, p. 1) afirma que a Web 2.0 "possui repercussões sociais importantes, que potencializam processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações, de construção social de conhecimento apoiada pela informática". Os

[23] O'Reilly (2005) afirma não ser possível definir o momento preciso em que terminou-se a Web 1.0 e iniciou-se a Web 2.0. A partir de 2004 o termo foi popularizado pela O'Reilly Media e pela Media Live International.

usuários passaram a também produtores de conteúdo, e não somente receptores; assim, modificando e estimulando as publicações na Internet, com enfoque na participação.

A Internet, na era da Web 2.0, vista como uma plataforma, aumentou as possibilidades de interação entre os usuários, as pessoas físicas ou as empresas. Se na primeira geração da Web as páginas eram organizadas como unidades isoladas, a segunda geração pode ser vista como uma "estrutura integrada de funcionalidades e conteúdo" (PRIMO, 2007, p. 2). No lugar de *softwares* empacotados, veem-se serviços, remixagem e transformação de dados e, especialmente, inteligência coletiva (O'REILLY, 2005). Pierre Lévy, ao pensar a inteligência coletiva, a vê como:

> O estabelecimento de uma sinergia entre competências, recursos e projetos, a constituição e manutenção dinâmicas de memórias em comum, a ativação de modos de cooperação flexíveis e transversais e a distribuição coordenada dos centros de decisão [...]. (LÉVY, 1999, p. 28).

Sendo assim, a principal finalidade da inteligência coletiva é o reconhecimento e o desenvolvimento recíproco entre os atores sociais do ciberespaço.

Primo (2007) aponta que, por meio das redes sociais e *blogs*,[24] pequenas redes de amigos ou de grupos interessados em nichos muito específicos podem interagir. A interconexão entre esses conjuntos de atores sociais do ciberespaço pode ocasionar consideráveis efeitos em rede. "Essa propagação de informações gerando macroefeitos a partir da capilarização da rede é chamada por Anderson (2006) de 'poder da longa cauda'" (PRIMO, 2007, p. 2).

De acordo com Pierre Lévy, as ditas comunidades virtuais são construídas sobre as "afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais" (LÉVY, 1999, p. 217). Tais comunidades são parte essencial das relações sociais estimuladas por computador e outras formas de tecnologias atualmente. Ainda sobre elas, o autor expõe:

> As comunidades virtuais exploram novas formas de opinião pública. [...] as comunidades virtuais do ciberespaço oferecem, para debate coletivo, um

[24] *Weblogs*: "diários da rede". *Sites* em forma de diários *on-line*, ferramenta de publicação individual ou coletiva de artigos e espaço de conversação (PRIMO E SMANIOTTO, 2006).

> campo de prática mais aberto, mais participativo, mais distribuído que aqueles das mídias clássicas (LÉVY, 1999, p. 129).

A respeito dos recursos da Web 2.0, Primo (2007) argumenta que a livre criação e a organização de informações compartilhadas através de associações mentais são potencializadas, sobretudo nas comunidades virtuais. Contudo, o autor faz uma ressalva:

> Ao mesmo tempo em que a abertura para o trabalho coletivo pode motivar a intervenção de múltiplas vozes — antes prejudicadas pela imposição de um modelo massivo unidirecional —, vandalismos, confusões e erros de informação ou de uso das ferramentas (como apagamento incidental de dados) ganham também espaço. (PRIMO, 2007, p. 4).

Na medida em que qualquer ator social torna-se produtor de conteúdo na Internet, o número de informações disponíveis aumenta progressivamente. A liberdade dentro da Web abre um leque de possibilidades, com elas sendo positivas ou, por vezes, negativas. Ao mesmo tempo em que o conhecimento é democratizado, informações equivocadas, mal uso de ferramentas, calúnia e falsidades podem também ser observadas no ambiente virtual. É o caso da violência simbólica, que será elucidado mais adiante.

Na prática, a formação profissional e intelectual do membro individual que produz e divulga informações na Web 2.0 não possui grande relevância. A questão da credibilidade dos conteúdos compartilhados é difícil de ser definida, assim como as identidades dos atores sociais. Essa credibilidade é reconhecida a partir da constante dinâmica de construção e atualização coletiva da informação (PRIMO, 2007).

A seguir, será visto como se dão as interações sociais entre indivíduos na Web 2.0, evidenciando o funcionamento das redes sociais. Além disso, será pensado o modo como ocorrem as construções identitárias desses sujeitos, atores sociais produtores de conteúdo na Internet.

3.3 Redes sociais e construções identitárias

Atualmente, uma das principais ferramentas utilizadas na Web são as redes sociais. Castells (2003, p. 103) aponta que o uso da Internet fortaleceu as relações sociais, não importando a distância entre as partes, “num nível local para laços fortes e fracos, para fins instrumentais ou emocionais, bem como para a participação

social na comunidade". Tais relações e interações serão contempladas a partir de agora.

3.3.1 Redes sociais

Por meio da comunicação mediada por computador, novos agrupamentos sociais surgiram (RECUERO, 2009). As redes sociais, que começaram a aparecer a partir da década de 1990, permitem a visibilidade, articulação e manutenção de laços sociais estabelecidos no espaço *off-line* (RECUERO, 2009), além da criação de novos laços. Essas páginas de Internet permitem inúmeras formas de interações e expressões entre os membros das redes. Essas expressões podem ser realizadas de forma escrita ou pelo compartilhamento de imagens, vídeos ou conteúdos de outros *sites* da Internet.

Hoje em dia, como coloca Primo (2012), é normal encontrar definições que "destacam as funcionalidades técnicas de serviços digitais". De acordo com Lampe *et al.* (2011 *apud* PRIMO, 2012, p. 623), as mídias sociais são ferramentas "cujas interfaces de grande usabilidade facilitam a interação no ciberespaço". Esses tipos de páginas da Web impactaram profundamente o cotidiano das pessoas tanto na vida *off-line* quanto no ambiente digital. As redes sociais alteraram, em certo modo, a forma como os "indivíduos se relacionam, constroem e percebem valores e mesmo como constroem significados e sentidos" (RECUERO & SOARES, 2013, p. 242). Esse fato ocorre especialmente devido ao imediatismo presente nas atualizações das informações e dos conteúdos nas redes sociais. Os atores sociais do ciberespaço e suas conexões não apenas refletem essas redes, como produzem influências na construção de tais espaços e, desse modo, acabam interferindo nos fluxos de informação que circulam nesses grupos, como observa Recuero (2012).

É preciso perceber que as redes sociais *on-line* não são formadas simplesmente por uma conexão de terminais. "Trata-se de um processo emergente que mantém sua existência através de interações entre os envolvidos" (PRIMO, 2007, p. 5). Entretanto, tais interações e relações na Web não se dão de forma aleatória. As pessoas levam em conta diversos fatores, como interesses, curiosidades e proximidades, ao escolher conectar-se ou não a alguém. "Os laços sociais, portanto, são estabelecidos sob prismas muito específicos de interesses comuns de cada nó" (RECUERO, 2009, p. 13).

De qualquer maneira, é possível observar certas atividades de usuários nas redes sociais sem que uma pessoa possua uma relação direta com a outra. O complexo de entrelaçamentos permite estabelecer inter e intraconexões entre indivíduos. Duas pessoas que não possuem nenhuma relação *off-line* podem fazer parte da mesma rede de uma terceira pessoa, e assim sucessivamente. As formas de interação social nas redes são inúmeras, como Alex Primo descreve:

> A interação social é caracterizada não apenas pelas mensagens trocadas (o conteúdo) e pelos interagentes que se encontram em um dado contexto (geográfico, social, político, temporal), mas também pelo relacionamento que existe entre eles. Portanto, para estudar um processo de comunicação em uma interação social não basta olhar para um lado (eu) ou para o outro (tu, por exemplo). É preciso atentar para o "entre": o relacionamento. Trata-se de uma construção coletiva, inventada pelos interagentes durante o processo, que não pode ser manipulada unilateralmente nem pré-determinada. (PRIMO, 2007, p. 7).

Tais interações são realizadas por um novo tipo de público, chamado por Boyd (2010 *apud* RECUERO & SOARES, 2013) de público em rede. Tal público é moldado particularmente por características do digital. Recuero & Soares (2013) enunciam as propriedades das informações compartilhadas por essa coletividade:

> a) persistência, ou seja, as informações que são publicadas permanecem online; b) replicabilidade, as informações publicadas são facilmente replicáveis (e de forma idêntica ao original); c) escalabilidade, a difusão de informações pode ser escalada dentro das redes, construindo visibilidade; e d) "buscabilidade", que é a capacidade dessas informações serem buscáveis nesses espaços (RECUERO & SOARES, 2013, p. 242).

A pesquisadora Danah Boyd (2010 *apud* RECUERO & SOARES, 2013) enxerga uma "nova dinâmica" dos contextos de interação a partir das mudanças que refletem as formas de circulação de informação nesses públicos. Tais características ajudam a observar os impactos da utilização das redes sociais no cotidiano das pessoas e na divulgação das informações nesses grupos, dentro e fora do ambiente digital. "Uma vez publicada a informação, portanto, ela torna-se permanente, replicável, buscável e tem sua visibilidade escalada" (RECUERO & SOARES, 2013, p. 242).

Dessa forma, é possível perceber que informações que contenham um discurso que evidencie alguma forma de sexismo ou desigualdade de gênero também se tornam permanentes e com grande visibilidade tanto dentro como fora da Internet. O ambiente digital como um todo, e particularmente as redes sociais, tornou-se tão presente na vida das pessoas que pode acabar influenciando de

diversas maneiras o espaço *off-line*,[25] por vezes causando implicações concretas na vida dos indivíduos. Ambos ambientes acabam misturando-se devido à amálgama de interações que os permeiam.

Em sistemas de comunidades virtuais e redes sociais é possível identificar diversos perfis de atores sociais, esses que divulgam, recebem informações na Internet e comunicam-se através do computador e outros aparelhos tecnológicos. Como observa Recuero:

> Esses sistemas compreendem processos interacionais e as redes expressas através deles constroem-se através das conversações estabelecidas. Através desses sistemas são, portanto, identificados atores sociais e suas conexões, compreendidas como os laços e o capital social. (RECUERO, 2009, p. 118).

A maneira como essas conexões são estabelecidas influenciam a disposição das redes e causam determinadas consequências. O próximo subtópico desse capítulo pretende compreender as construções identitárias e as representações desses atores sociais.

3.3.2 Construções identitárias

De acordo com Recuero (2014), as redes sociais são constituídas essencialmente por dois principais componentes: os atores e suas conexões. As pessoas, as instituições, as empresas ou o grupo de indivíduos são os atores, os quais produzem e recebem conteúdos dentro da rede. São inúmeras as possibilidades de representações dos atores sociais e suas construções identitárias no ciberespaço. Os perfis criados em *sites* como Facebook,[26] Twitter[27] ou em *blogs* são exemplos de algumas formas de representações sociais. Recuero (2014) ainda explica que essas representações têm como objetivo auxiliar o ator a expressar sua personalidade e opinião dentro da rede, por vezes moldando uma imagem performática de si mesmo, como uma representação exagerada ou atuada.

A pesquisadora americana Susan Barnes (2005) afirma que, como um ambiente social além de tecnológico, a Internet conta com e depende de novas

---

[25] Realidade em que a comunicação existente não é a mediada por computador ou outras tecnologias.
[26] É possível acessar o Facebook através do www.facebook.com. Maiores informações sobre o *site* serão vistas mais adiante nessa pesquisa.
[27] É possível acessar o Twitter através do www.twitter.com.

formas de interação simbólica para a apresentação e desenvolvimento da identidade do *self* nas redes sociais. Ainda sobre a construção social desses atores, Recuero comenta o conceito de capital social. Os indivíduos nas redes utilizam a conversação, além da troca de ideias, para construir valores e ter acesso a recursos de determinado grupo, como “a legitimação de impressões a respeito de si mesmos, o acesso a informações, o suporte e o apoio social, etc.” (RECUERO, 2013, p. 56). Ela explica:

> Esses elementos são chamados de capital social (Coleman, 1988; Bourdieu, 1983). O capital social é, assim, constituído dos valores negociados e embebidos na estrutura dos grupos sociais, aqueles associados a "fazer parte" desses grupos (Coleman, 1988; Putnam, 2000; Bourdieu, 1983). Esses valores sempre estiveram presentes nos grupos sociais, por sua negociação é uma das motivações mais importantes para a ação social, conforme Coleman (1988) (RECUERO, 2013, p. 56).

À parte das interações e conversações, *sites* de redes sociais também permitem aos atores criar e manter uma ou várias identidades na Internet. Essas podem ser aceitas pelos demais e legitimadas, conforme outros valores, como reputação e autoridade. Goffman (1967 *apud* RECUERO, 2013) chama de “trabalho de face” a busca dos atores de legitimação pelos demais participantes das redes sociais. A face, ainda de acordo com Goffman (1967), é constituída pelos “valores sociais positivos que um determinado ator busca por meio de sua expressão, de sua participação em situações de interação com outros” (RECUERO, 2013, p. 58). É a tentativa de construir uma imagem positiva nas redes sociais no ciberespaço.

Já que a presença física é separada do processo de comunicação mediada por computador, a Internet tende a manter diferentes noções de identidades. Apesar de algumas pessoas buscarem a legitimação de sua presença *on-line*, Barnes (2005, p. 66) afirma que “indivíduos podem apresentar-se numa variedade de diferentes formas através da escrita e assumir várias identidades diferentes”.[28] Além disso, cada ator social tem a oportunidade de criar a sua própria interpretação dos contextos e significados das mensagens compartilhadas (BARNES, 2005, p. 67).

Ainda segundo a autora, quando apresentações em forma majoritariamente de texto no ambiente virtual tomam o lugar da presença física, o *self,* − a identidade dos atores sociais − encontra-se num fluxo constante, já que o indivíduo não está preso a uma única e estável individualidade física. As possibilidades na Internet são

[28] Tradução livre da autora a partir de: “*People can present themselves in a variety of different ways through textual correspondence and assume any number of identities*”.

tantas que é possível alguém modificar a sua identidade no ciberespaço conforme diferentes objetivos e, além disso, possuir mais de uma personalidade, caso seja desejado.

Os atores, representados socialmente no ciberespaço através de suas identidades construídas, são responsáveis, também, por produzirem, reproduzirem e compartilharem discursos na Internet e, em especial, em *sites* de rede social. O discurso no ciberespaço, e particularmente nas redes sociais, possui características específicas, assim como a forma como é publicado e significado. Sobre as especificidades do discurso nesse caso, Recuero (2013) utiliza Boyd (2010) na tentativa de melhor explanar essas alterações:

> a) a presença de audiências invisíveis, ou seja, o fato de que o discurso não está restrito a audiência percebida do mesmo, mas é reproduzido e repassado na rede; b) colapso dos contextos, que se refere ao fato de que o discurso não tem necessariamente um contexto dividido pelos participantes do processo, e, muitas vezes, é difícil de compreender pela ausência do contexto; c) borramento das fronteiras entre público e privado, que se refere ao fato de que não há fronteira entre os discursos expostos às várias redes sociais, justamente porque essas redes estão mais interconectadas nesses sites (RECUERO e SOARES, 2013, p. 242).

Essas características são decorrentes do avanço da Web 2.0 e da hiperconexão entre as redes sociais. Em ferramentas como o Facebook e outras semelhantes, as práticas sociais que atuam e influem nas conexões entre atores, influenciam também a maneira como o discurso será propagado entre os grupos sociais (RECUERO, 2013).

Herring (2001, p. 612) define o discurso mediado por computador como aquela “comunicação produzida quando seres humanos interagem uns com os outros através da transmissão de mensagens pelas redes de computadores”. Tais manifestações afetam os indivíduos e são também impactadas pela maneira como esses sujeitos se apropriam das ferramentas de comunicação. Esses discursos possuem também “características linguísticas que são resultados das apropriações e das restrições e possibilidades das ferramentas” (RECUERO & SOARES, 2013, p. 243).

Para compreender e refletir sobre o discurso *on-line* é preciso pensar a linguagem que é utilizada e a construção de sentidos em diferentes espaços, sejam eles mediados ou apropriados. Recuero (2013) deixa claro que, conforme os objetivos dos discursos, bem como as características dos atores sociais que os proferem no ciberespaço, tais manifestações podem gerar comportamentos

distintos, inclusive violentos e hostis, como a reprodução de formas de agressividade *on-line*.

A fim de contextualizar para a análise que será feita mais adiante, o último tópico desse capítulo apresentará o site de rede social Facebook, parte do *corpus* desta pesquisa, e abordará alguns conceitos de processos sociais que podem ser observados na Web, de caráter por vezes danoso, como os conflitos e a violência simbólica.

3.4 Facebook e suas dinâmicas

O *site* Facebook é atualmente o maior site de rede social do mundo.[29] *Sites* de redes sociais são derivados da apropriação das "ferramentas de comunicação mediada pelo computador pelos atores sociais" (RECUERO, 2009, p. 102). A autora define esses tipos de páginas da Web como "os espaços utilizados para a expressão das redes sociais na Internet" (RECUERO, 2009, p. 102).

Boyd & Ellison (2007) também definem as principais características desse tipo de ferramenta. Segundo eles, são sistemas que permitem a construção de uma *persona*, através de um perfil ou uma página pessoal, a interação através de comentários ou publicações, e a exposição pública ou semipública, conforme as configurações de privacidade da rede social de cada ator. São inúmeros *sites* que possuem essas configurações, porém são poucos que conquistam um alcance significativamente global. Esse estudo concentra-se no *site* Facebook, o principal rede social no Brasil e no mundo, e parte integrante do *corpus* dessa pesquisa.

3.4.1 O Facebook

O Facebook é um *site* de rede social mundialmente conhecido. Foi criado há 10 anos, em 2004, por Mark Zuckerberg, então estudante de Ciências da Computação da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos.[30] A ideia original

---

[29] Facebook é o maior *site* rede social do planeta. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/facebook-completa-10-anos-veja-evolucao-da-rede-social.html>. Acesso em: 16 nov. 2014.

[30] Informações disponíveis em www.facebook.com. Maiores informações sobre a utilização dessa rede podem ser encontradas no próximo capítulo desta monografia.

pretendia conectar estudantes universitários do país. Ao passar o tempo, o sistema foi desenvolvendo-se e ampliou o direcionamento de seu público-alvo.

O Facebook funciona através de perfis, grupos de interesse e aplicações. O usuário pode criar um perfil e publicar imagens, vídeos e textos escritos na sua linha do tempo. É possível adicionar outros usuários como “amigos” e interagir com eles dessa mesma forma. Há um sistema de conversa imediata e de comunicação síncrona, chamado de *chat,*[31] e a possibilidade da utilização de aplicativos (jogos, ferramentas, etc.) a fim de personalizar mais os perfis. Além disso, empresas, instituições e pessoas públicas podem criar páginas oficiais, que possibilitam uma maior interação com seu público e propagação de informações e conteúdo.

Atualmente, o Facebook conta com mais de 1,32 bilhões de usuários ativos mensalmente na plataforma Web e mais de 1,07 bilhões de usuários que acessam o *site* todos os meses por dispositivos móveis (*smartphones* e *tablets*).[32] Esses números crescem diariamente. O Brasil possui 83 milhões de usuários cadastrados no Facebook, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e da Índia. O brasileiro passa 97,8% do tempo gasto em redes sociais na Internet acessando o Facebook.[33]

Dessa forma, como já visto anteriormente e amparado pela significância desse *site*, as interações e manifestações que acontecem no Facebook por seus atores sociais, − pessoas com suas identidades publicadas na Internet −, produzem reações que atravessam a fronteira do ciberespaço e trazem consequências para o ambiente *off-line*. Alguns desses processos sociais serão vistos na parte final desse capítulo.

3.4.2 Processos sociais

O constante crescimento do uso do Facebook no mundo,e, em especial, no Brasil, atualizou contextos dentro dos processos de comunicação *on-line* e seus discursos. Essas novas conjunturas acabam por possibilitar que novas e antigas práticas sociais ganhem mais espaço nas redes sociais da Internet (RECUERO &

---

[31] Bate-papo, em português.
[32] Dados divulgados pelo Facebook, relativos ao dia 30 de junho de 2014. Disponível em: <https://newsroom.fb.com/company-info/>. Acesso em: 2 out. 2014.
[33] Dados disponíveis no relatório *2014 Brazil Digital Future in Focus* da Comscore. Disponível em: <http://www.comscore.com/>. Acesso em: 2 out. 2014.

SOARES, 2013). Dessa forma, o Facebook, como ferramenta, “mais que um passivo transmissor, é um mediador atuante” (PRIMO, 2012, p. 634) nessas circunstâncias.

De acordo com Recuero (2009), entre as várias dinâmicas que podem ser observadas no uso das redes sociais *on-line*, encontram-se três principais processos que influenciam as tramas. São eles: cooperação, competição e conflito. A reflexão a respeito de tais processos é importante no contexto desta pesquisa para auxiliar na compreensão dos modos sobre como o sexismo e as diferenças de gênero se apresentam na Internet, em especial no Facebook.

A interação social pode ser entendida como geradora de sistemas sociais a partir de seus padrões de rede, classificados em competição, cooperação e conflito (RECUERO, 2009, p. 81). Primeiramente, a cooperação é caracterizada pela autora como um processo formador das estruturas sociais. Ela define:

> A cooperação pode ser gerada pelos interesses individuais, pelo capital social envolvido e pelas finalidades do grupo. Entretanto, é essencial para a compreensão das ações coletivas dos atores que compõem a rede social (RECUERO, 2009, p. 81).

Em seguida, explica os conceitos de competição e conflito nas redes sociais:

> A competição é reconhecida por Ogburn e Nimkoff (1975, p. 238) como "a forma fundamental de luta social". A competição compreende a luta, mas não a hostilidade, característica do conflito. A competição pode, por exemplo, gerar cooperação entre os atores de uma determinada rede, no sentido de tentar suplantar os atores de outra. O conflito, de outro lado, pode gerar hostilidade, desgaste e ruptura da estrutura social. Muitas vezes, é associado à violência e à agressão. Para que exista a competição, não é necessário um antagonismo concreto, enquanto no conflito, sim. (RECUERO, 2009, p. 82).

Esses são fenômenos naturais e emergentes das redes sociais. É praticamente impossível que uma comunidade virtual exista sem conflitos, pois, como espelho que é da realidade *off-line*, representa também as configurações das sociedades civis, mesmo que em diferentes patamares. Assim, é constante perceber usuários manifestando-se de forma agressiva em incontáveis e diversos cenários na Web e no Facebook. Recuero (2009, p. 85) salienta que o conflito “pode fortalecer as estruturas de um sistema, aumentando a união através de uma polarização, quando em conflito com outros sistemas”. Um exemplo dessa premissa é a união das mulheres feministas dentro de grupos no Facebook a fim de se fortalecerem enquanto conjunto e indivíduos contra investidas sexistas de outros usuários dentro da rede ou, até mesmo, fora dela.

Dessa forma, é possível perceber que esses processos dinâmicos pelos quais passam os atores sociais, são, de certo modo, fundamentais para a percepção das redes sociais “no tempo e sua compreensão enquanto elementos não estáticos” (RECUERO, 2009, p. 86). No entanto, ainda existem outros processos que afetam as dinâmicas das redes sociais.

Como visto anteriormente, o discurso mediado por computador e proferido pelos atores sociais das redes pode demonstrar alguns tipos de agressividade *on-line*. A violência simbólica, aquela que advém da linguagem e das imposições discursivas, é um conceito que deve ser pensado no âmbito desta pesquisa devido a sua relevância para o presente tema. Recuero & Soares (2013, p. 240) afirmam que a violência simbólica é um “produto das relações históricas de dominação nos espaços sociais, que passa a residir também nos espaços online”.

A violência simbólica é reforçada por outro tipo de violência: a sistêmica. Essa é uma consequência do sistema político e econômico vigente, presente nas estruturas sociais. “A lógica do capital impõe e interpõe os sentidos que são construídos e que reforçam as estruturas sociais reproduzindo as relações de dominação” (RECUERO & SOARES, 2013, p. 240). Acaba ocorrendo uma naturalização dos sentidos gerados pela dominação. Dominação essa que é criada e legitimada pelos discursos, no decorrer dos tempos.

No que se refere às desigualdades de gênero e o sexismo, a reflexão de Recuero & Soares (2013) sobre os estigmas sociais traz uma abordagem de considerável relevância:

> A violência simbólica tem um importante papel na reprodução dos estereótipos e dos estigmas sociais. Goffman (1963) explica que o estigma constitui as marcas e atributos pelos quais alguém é criticado e marginalizado pela sociedade. O estigma, assim, é uma marca que é construída como “negativa” pelo grupo e que caracteriza a identidade do Outro e da qual este não consegue libertar-se. É uma marca percebida também em relação àqueles que não a possuem, que não são estigmatizados. É como se a sociedade ficasse cega para os outros atributos que determinada pessoa tem, vendo apenas seu traço estigmatizado. Caracteriza, assim, categorias de indivíduos e as especificidades esperadas dessas categorias, através de seus estereótipos negativos (RECUERO & SOARES, 2013, p. 241).

Assim, esse tipo de conflito, representado pela violência simbólica presente em discursos nas redes, pode permitir a identificação de ideias relacionadas a perfis descriminalizantes. *Sites* de redes sociais como o Facebook, devido a sua manutenção e troca de contextos, permanências e audiências invisíveis, auxiliam,

em diferentes instâncias, na propagação dessas legitimações, que se difundem “muito mais rapidamente, de forma mais explícita e alcançando diferentes grupos sociais do que em ambientes off-line” (RECUERO & SOARES, p. 251).

Os dois primeiros capítulos dessa pesquisa visaram abordar teoricamente importantes conceitos no que tange os estudos de gênero e de cibercultura na sociedade ocidental. Dessa forma, o próximo capítulo pretende explanar e aclarar os processos metodológicos que serão utilizados no presente trabalho, a fim de alcançar os objetivos previamente expostos pela autora.

4 SEXISMO NA PÁGINA DO FACEBOOK PENSANDO PENSAMENTOS

O presente capítulo tem como objetivo apresentar os procedimentos de análise de 16 postagens da página do Facebook Pensando Pensamentos. O período analisado é de seis meses, entre abril e outubro de 2014. Os métodos de análise que serão explanados pretendem identificar de que forma o sexismo e as desigualdades de gênero podem ser observados nos conteúdos propagados na página. Além disso, visa compreender como se dá o processo de consolidação do discurso presente nas publicações, identificando os elementos que as tornam exemplos de desigualdade de gênero, a fim de problematizar a presença de posturas reacionárias decorrentes dessas disparidades dentro do ciberespaço, em especial na rede social Facebook.

Para tanto, a primeira parte desse capítulo será destinada à compreensão da utilização do Facebook como meio de comunicação e à apresentação da página Pensando Pensamentos, selecionada como objeto da pesquisa. A seguir, o método de pesquisa e os procedimentos metodológicos adotados para a realização de tal investigação serão aclarados, para, enfim, passar à análise dos dados obtidos que serão expostos no próximo capítulo desse trabalho.

4.1 Utilizando o Facebook

Como visto anteriormente, o Facebook é, hoje em dia, o principal *site* de rede social na Internet. A fim de compreender as dinâmicas metodológicas utilizadas nessa análise, vê-se necessário explanar com maior detalhamento o funcionamento desse site, lar do objeto de pesquisa dessa monografia, sob a perspectiva de um ator social no ciberespaço.

O usuário regular do Facebook cadastra-se gratuitamente no *site*, e, para isso, emprega informações pessoais. Tais informações são extremamente valiosas para a equipe da rede social, que as estuda, analisa e vende para fins essencialmente publicitários. Uma vez cadastrado, o usuário monta e atualiza seu perfil, com informações básicas como nome, idade, cidade onde vive, onde estuda e/ou trabalha, *e-mail* e interesses pessoais. Além disso, é possível escolher uma imagem de perfil, normalmente da pessoa que possui a conta e uma imagem de capa, representativa dos interesses do usuário.

A dinâmica de interação dentro do Facebook é constituída de múltiplas possibilidades. Para a presente análise serão listados somente os principais exemplos, essenciais para a compreensão das relações que ocorrem dentro do *site*. O usuário monta sua rede adicionando ou aceitando outros usuários como “amigos”; um amigo pode visualizar o perfil do outro, ver o que ele curte e interagir diretamente com ele, por meio de um sistema de busca. Os perfis ainda ficam disponíveis para usuários que não são amigos, mas de forma restrita. Além disso, o usuário pode curtir páginas institucionais de seu interesse pessoal, sendo elas de celebridades, marcas, empresas, humor, sátiras, *sites* ou *blogs*.

O utilizador pode publicar no seu próprio perfil atualizações de *status,*[34] escrevendo praticamente qualquer tipo de manifestação, em geral sobre seus interesses pessoais, como o que está fazendo ou o que pensa sobre determinada situação. A Figura 1 mostra um exemplo de perfil no Facebook. Essas publicações também podem conter outras formas de mídia, não só texto, como imagens, vídeos e *links*[35] externos e serem compartilhados na rede de amizades. Nessas publicações, existem três formas principais de interação: um usuário ou página pode “curtir” a postagem, pode comentá-la, com texto ou imagem, e também pode compartilhá-la para sua lista de amigos e seguidores.

Da mesma forma que um perfil social, páginas institucionais também podem criar conteúdo e interagir dentro do Facebook. Elas podem publicar atualizações, curtir, comentar e compartilhar postagens. As páginas, no lugar de adicionarem “amigos”, ganham “fãs” à medida que os usuários clicam no botão “curtir” e passam a seguir a página. Normalmente, o sucesso de uma página é mensurado através do número de fãs que ela possui e do nível de interação desses usuários com a página.

Na linha do tempo de cada usuário, aparecem as atualizações de seus “amigos” e das páginas que ele segue, facilitando as interações. Essa linha do tempo é única para cada perfil, já que depende das conexões que cada utilizador possui. Outra forma de comunicação e interação dentro do Facebook dá-se por meio de mensagens privadas. Em uma janela separada para o *chat*, duas ou mais pessoas podem dialogar instantaneamente. É possível ver quem está *on-line* em determinado momento, seja em computadores ou dispositivos móveis.

---

[34] Estado, em português. Entendido como “o que a pessoa está fazendo”.
[35] Atalho direto para outro *site* ou página da Internet por meio de um clique.

Figura 1 – Exemplo de perfil no *Facebook*

Fonte: *screenshot* feito pela autora em 26 de outubro de 2014.

Outrossim, é possível criar “eventos” dentro do Facebook, criando uma página com as informações básicas e convidando os usuários para participarem do acontecimento. Estes podem confirmar ou negar a presença no evento, que pode ser real ou virtual, além de publicar conteúdo na interface dessa página. Finalmente, há a interação por meio de “grupos”. Tais grupos podem ser criados por usuários, sendo privados ou públicos, normalmente englobando algum assunto em particular ou um grupo de pessoas com algo em comum. Os grupos funcionam como uma espécie de fóruns, em que seus membros podem compartilhar e publicar conteúdo. Inúmeros aplicativos também podem ser acionados dentro do Facebook, grande parte para jogos ou compartilhamento de imagens.

4.2 A página Pensando Pensamentos

O objeto dessa pesquisa foi escolhido de forma não aleatória. A página Pensando Pensamentos (Fig. 2) foi selecionada por representar situações expressivas que podem ser observadas na Internet, e, em especial, no Facebook,

contribuindo, assim, com elementos de pesquisa significativos ao presente trabalho no que tange as desigualdades de gênero na Internet.

Pensando Pensamentos é uma página institucional do Facebook, lançada em 2012, por um autor anônimo, que publica conteúdos continuamente. Usuários da rede social podem curtir ou seguir a página e interagir com suas postagens, seja curtindo, comentando ou compartilhando o seu conteúdo. A página possui 150.819 fãs[36] e está identificada na rede social como “os pensamentos que você gostaria que todo mundo soubesse que você pensa”.

Pensando Pensamentos possui um funcionamento básico no qual publica imagens modificadas digitalmente com uma frase escrita. Desde 2012, a página já publicou 214 imagens, todas elas com alguma mensagem de forma escrita sob um fundo colorido ou com alguma fotografia editada. Geralmente, as publicações são postadas junto com uma legenda, mas nem sempre isso ocorre, visto que as próprias imagens já possuem texto. Cada imagem possui uma média de 2.000 curtidas e 150 comentários,[37] variando conforme a publicação. A Millward Brown, agência global líder de pesquisa, identificou em 2013 a página da marca Dove como a página brasileira mais bem-sucedida no Facebook.[38] A página possui atualmente 23.479.846 curtidas. Ao observar algumas publicações da Dove,[39] nota-se que várias possuem uma média de número de curtidas e compartilhamentos semelhantes às da página Pensando Pensamentos, como pode ser observado na Figura 3, apesar da diferença em número de fãs que as páginas possuem. Assim, tais indicadores de proximidade contribuem para elucidar a relevância da página Pensando Pensamentos para a presente pesquisa.

---

[36] Dados da página disponíveis em: <https://www.facebook.com/PensandoPensamentos>. Acesso em: 20 out. 2014.
[37] Dados disponíveis na página, em: <https://www.facebook.com/PensandoPensamentos>. Acesso em: 20 outu. 2014.
[38] Disponível em: <http://www.adnews.com.br/internet/as-melhores-fanpages-do-brasil-segundo-a-millward-brown>. Acesso em: 8 nov. 2014.
[39] Disponível em: <https://www.facebook.com/DoveBr>. Acesso em: 8 nov. 2014.

Figura 2 – A página Pensando Pensamentos no Facebook

Fonte: *screenshot* feito pela autora em 20 de outubro de 2014.

Figura 3 – Postagem na página da Dove

Fonte: *screenshot* feito pela autora em 08 de novembro de 2014.

O conteúdo publicado na página Pensando Pensamentos abrange diferentes temáticas, variando entre política, assuntos cotidianos e banais, até diferentes tipos de posturas conservadoras e reacionárias como o sexismo e a homofobia. Assim, vê-se que a página não possui um público-alvo em especial. As postagens geralmente possuem teor irônico e hostil com outros tipos de publicações, como pode ser observado nos exemplos presentes na Figura 4. Essa escolha de tratar tais "pensamentos" de forma exaltada e indelicada, por assim dizer, será analisada mais adiante, nessa monografia, por meio do conjunto constituído por postagens realizadas no período entre abril e outubro de 2014.

Figura 4 – Exemplos de imagens postadas pela página Pensando Pensamentos no período analisado

Fonte: montagem feita pela autora em 20 de outubro de 2014.

4.3 Procedimentos metodológicos

A partir do objetivo geral dessa pesquisa – identificar de que forma o sexismo e as desigualdades de gênero podem ser observados nos conteúdos propagados na pagina do Facebook Pensando Pensamentos –, foi decidida a utilização da análise de conteúdo e da análise de discurso mediada pelo computador como instrumentos para leitura das postagens. A decisão foi tomada de acordo com a averiguação de que esses procedimentos permitem combinar levantamentos qualitativos e quantitativos, oportunizando diferentes possibilidades de leituras e interpretações, as quais fazem sentido junto ao objeto de pesquisa, aos objetivos e ao referencial teórico previamente ilustrado neste trabalho. Faz-se, em suma, uma análise de conteúdo e utiliza-se a análise de discurso mediada pelo computador como auxílio para a composição e formatação da investigação, devido à suas especificidades em referência a comunicação mediada por computador.

4.3.1 Análise de conteúdo

A análise de conteúdo (AC), de acordo com Fonseca Júnior (2006, p. 280), tem “demonstrado grande capacidade de adaptação aos desafios emergentes da comunicação e de outros campos de conhecimento”. Esse fato é relevante no que tange às pesquisas sobre novas tecnologias, como é o caso da Internet e das redes sociais. Dessa forma, esse procedimento metodológico pode auxiliar na obtenção de resultados pertinentes no decorrer da análise. Esse método das ciências humanas e sociais é “destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meios de várias técnicas de pesquisa” (FONSECA JÚNIOR, 2006, p. 281).

A definição clássica da AC foi elaborada por Bernard Berelson em 1952, caracterizando-a como “uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa de conteúdo manifesto da comunicação” (FONSECA JÚNIOR, 2006, p. 282). A partir das análises dos dados obtidos, é possível inferir, ou seja, deduzir de forma lógica, extraindo “conhecimentos sobre os aspectos latentes da mensagem” (FONSECA JÚNIOR, 2006, p. 284) que foi previamente explorada e que podem se aplicar a determinado contexto. As inferências são realizadas a partir de uma série de índices que o pesquisador evidencia ao longo da pesquisa. O autor ainda explica que:

> Na visão de Krippendorff (1990), a análise de conteúdo possui atualmente três características fundamentais: (a) orientação fundamentalmente empírica, exploratória, vinculada a fenômenos reais e de finalidade preditiva; (b) transcendência das noções normais de conteúdo, envolvendo as ideias de mensagem, canal, comunicação e sistema, (c) metodologia própria, que permite ao investigador programar, comunicar e avaliar criticamente um projeto de pesquisa com independência de resultados (FONSECA JÚNIOR, 2006, p. 286).

É importante ressaltar que a análise de conteúdo pretende explorar a mensagem, e não o contexto em que se produz ou recebe os conteúdos. Assim, a AC não pretende identificar todas as possibilidades de leituras por parte do receptor, tampouco discernir as verdadeiras intenções do emissor da mensagem.

Ainda assim, esse procedimento metodológico, através da inferência, permite a busca pela evidência do sentido que se encontra em segundo plano na mensagem. Para Fonseca Júnior (2006, p. 299), o fundamento “da especificidade da análise de conteúdo reside na articulação entre: (a) superfície do texto (no sentido amplo) e (b) nos fatores que determinam essas características”. Entre as diferentes inferências que podem ser encontradas nesse tipo de análise, o autor (2006, p. 299) cita as “concepções ideológicas de uma sociedade, imagens, clichês e arquétipos culturais, sistemas de crenças, estereótipos sociais, representação de tipos e papeis sociais” como exemplos relevantes.

Dessa forma, é possível montar um roteiro específico e exclusivo de análise, com base nas especificidades de cada pesquisa, a fim de obter inferências válidas e pertinentes com o tema abordado e investigado. As codificações utilizadas serão aclaradas no subcapítulo que se refere aos procedimentos adotados na pesquisa.

4.3.2 Análise de discurso mediada por computador

A fim de complementar a análise de conteúdo, esta monografia será baseada também em alguns aspectos da análise de discurso mediada por computador. Essa decisão deve-se ao fato de que as novas tecnologias de comunicação, em especial a Internet, possuem particularidades que não devem ser ignoradas no momento das averiguações, com uma abordagem centrada no texto, no caso numa página de rede social.

A pesquisadora Susan Herring é uma das principais teóricas da chamada análise de discurso mediada pelo computador (CMDA – *Computer Mediated*

Discourse Analysis). O foco dessa metodologia de pesquisa encontra-se na linguagem em uso no ambiente *on-line*, aproximando a perspectiva linguística de estudo do discurso no ciberespaço. Essa perspectiva ajusta-se aos propósitos da presente monografia, que visa analisar conteúdos publicados na Internet. A principal finalidade dessa técnica, de acordo com Recuero (2013), é apresentar um aglomerado de métodos fundamentados nas perspectivas de análise linguística do discurso, partindo de uma base mesclada que contempla, ao mesmo tempo, múltiplas disciplinas que versam sobre o advento da comunicação mediada por computador.

De acordo com Herring (2004), o fato das pessoas interagirem no ciberespaço deixando, com frequência, um traço textual dessas comunicações, acaba facilitando o trabalho do pesquisador, já que ele pode aplicar métodos empíricos nesses dados em nível micro, com o intuito de esclarecer os fenômenos também em nível macro. O que define explicitamente a CMDA é a análise de vestígios de interações verbais (caracteres, palavras, expressões vocais, trocas de mensagens, linhas de raciocínio, arquivos, etc.), ou seja, qualquer análise de comportamento *on-line* baseada em observações empíricas textuais.

O uso da CMDA é geralmente aplicado em quatro níveis de linguagem, ainda de acordo com Herring (2004). São eles: a) estrutura, b) significado, c) integração e d) comportamento social. Sobre esses níveis, a autora explica:

> Structural phenomena include the use of special typography or orthography, novel word formations, and sentence structure. At the meaning level are included the meanings of words, utterances (e.g., speech acts) and larger functional units (e.g., 'macrosegments', Herring, 1996b; cf. Longacre, 1992). The interactional level includes turn-taking, topic development, and other means of negotiating interactive exchanges. The social level includes linguistic expressions of play, conflict, power, and group membership over multiple exchanges. In addition, participation patterns (as measured by frequency and length of messages posted and responses received) in threads or other extended discourse samples constitute a fifth domain of CMDA analysis. (HERRING, 2004, p. 3).[40]

[40] “Os fenômenos estruturais incluem o uso de tipografia especial ou ortografia, formações de novas palavras, e estrutura da frase. No nível significante estão incluídos os significados das palavras, expressões (p. ex., atos de fala) e unidades funcionais mais amplas (p. ex., “macrossegmentos”, Herring, 1996b; cf. Longacre, 1992). O nível de interação inclui alternância de participação, desenvolvimento do tema e outros meios de negociar trocas interativas. O nível social inclui expressões linguísticas de recreação, conflito, poder e participação em grupo ao longo de várias trocas. Além disso, os padrões de participação (medidos pela frequência e duração das mensagens postadas e respostas recebidas) em tópicos ou outras amostras de discurso prolongado constituem um quinto domínio da CMDA”. (Tradução livre da autora.)

Assim, a orientação metodológica básica da CMDA é a análise de conteúdo com foco na linguagem. Herring (2004) explica que as análises podem ser feitas de forma puramente qualitativa – observações do fenômeno de discurso em uma amostragem de texto podem ser feitas, ilustradas e discutidas –, ou de forma quantitativa, em que os fenômenos podem ser codificados e contados, com resumos de suas frequências relativas sendo produzidos.

Herring (2004) ressalta um desafio importante aos pesquisadores da Internet, que é lograr identificar e descrever fenômenos *on-line* em termos culturais significativos e, ao mesmo tempo, fundamentar suas distinções em comportamentos empíricos observáveis. Assim, essa pesquisa visa unir esses dois conjuntos de métodos para atingir os objetivos propostos e problematizar os resultados encontrados acerca das temáticas discutidas sob um viés pós-estruturalista.

É indispensável ressaltar, no entanto, que esta monografia pretende ser entendida apenas como uma das inúmeras possibilidades de interpretações a respeito das desigualdades de gênero na Internet. As decisões tomadas para o desenvolvimento deste trabalho, desde a escolha do objeto, o referencial teórico em que se baseia a pesquisa e o método de análise que será utilizado, são resultados diretos de uma sequência de avaliações realizadas através do olhar da pesquisadora, pautado por relações de poder intrínsecas a desigualdades construídas social e historicamente, sobre as quais se busca identificar, mapear e criticar no *corpus* deste trabalho.

4.4 Procedimentos adotados

A fim de compreender as dinâmicas do sexismo no Facebook e alcançar os já listados objetivos desta pesquisa, foi selecionada uma página específica dentro da rede social. Como foi observado anteriormente, a página Pensando Pensamentos publica postagens que abrangem diferentes temáticas de acontecimentos que podem ser considerados banais na sociedade, como gostos, interesses e opiniões pessoais dos usuários. Assim, foi necessário identificar as diferentes amostras de informação disponíveis para, enfim, dar início à elaboração das etapas de observação.

Um dos primeiros procedimentos adotados na estruturação da análise a ser realizada no presente trabalho foi uma triagem inicial das 214 publicações realizadas pela página. A página vem sendo atualizada desde o dia 13 de maio de 2012, ou seja, tem dois anos e cinco meses de postagens. Com o intuito de realizar uma análise com base em dados recentes e atuais, foi definido o recorte enquadrando somente publicações de 2014. Neste ano, até o presente momento,[41] foram realizadas 81 publicações. De certo modo, todas essas 81 publicações evidenciam o modelo hegemônico e reacionário vigente na sociedade ocidental, por meio de manifestações de cunho preconceituoso e grosseiro que permitem objetivar a crítica em uma postura desconstrucionista. Porém, o propósito original dessa pesquisa é expor tais evidências no que diz respeito aos estudos de gênero, especialmente aos estudos das mulheres, sob uma perspectiva feminista. Assim sendo, foi realizada uma segunda triagem dentro dessas 81 postagens. Essa seleção buscou distinguir e relevar as publicações cujas mensagens eram direcionadas às mulheres, ao citá-las diretamente em seus textos. Isso posto, foram selecionadas 16 publicações, disseminadas entre os dias 12 de abril e 16 de outubro de 2014, em um período de seis meses, como pode ser observado na Tabela 1. Todas as publicações escolhidas possuem um número considerável de interações, que serão demonstradas adiante, e materiais suficientes para identificação e mapeamento de manifestações que servirão como base para análise a que se propõe nesta monografia. A Figura 5 mostra as imagens analisadas sob a forma de uma montagem.

[41] 25 de outubro de 2014.

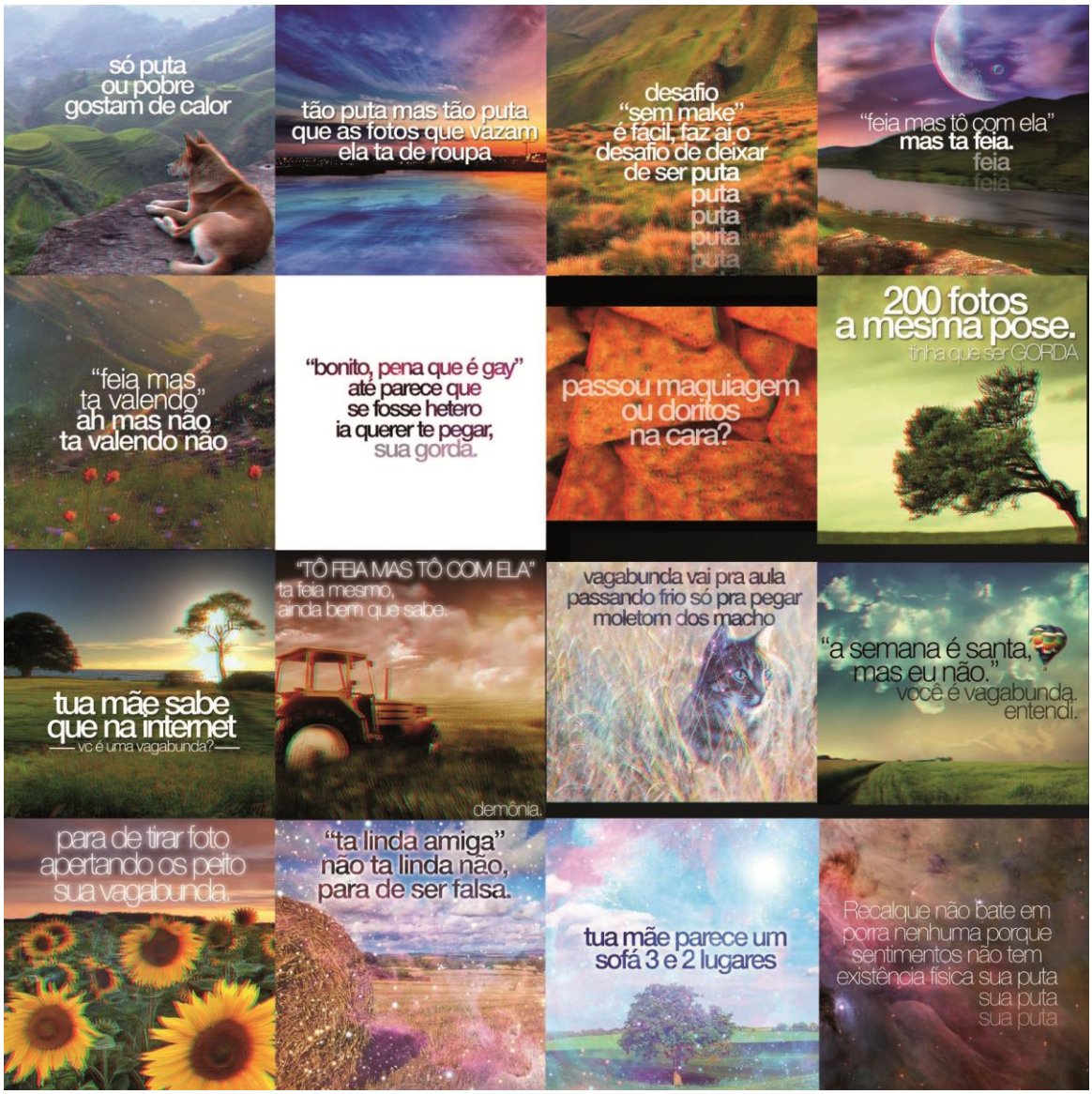
Tabela 1 – Imagens analisadas (identificados por título, data, número de curtidas, número de compartilhamentos e número de comentários)

Imagens analisadas					
Id.	**Título**	**Data**	**Nº de curtidas**	**Nº de compartilhamentos**	**Nº de comentários**
1	Calor	16 de out.	3.720	880	228
2	Fotos	17 de set.	3.047	229	71
3	Desafio	03 de set.	7.854	4.317	582
4	Feia	02 de jun.	3.567	686	99
5	Valendo	31 de maio	2.897	369	90
6	Bonito	06 de maio	4.022	836	266
7	Doritos	03 de maio	2.384	531	139
8	Pose	01 de maio	1.764	166	137
9	Internet	27 de abril	1.966	428	103
10	Demônia	21 de abril	1.703	242	81
11	Falsa	21 de abril	1.718	387	116
12	Frio	16 de abril	3.604	1.127	240
13	Semana	14 de abril	1.358	205	62
14	Mãe	12 de abril	551	51	31
15	Racalque	12 de abril	2.884	1.687	178
16	Peitos	12 de abril	1.244	175	58

As 16 postagens analisadas possuem uma imagem genérica, frequentemente mostrando alguma paisagem, com um texto escrito que passa uma mensagem. O conteúdo dessas mensagens foi definido como o *corpus* do presente estudo e pode ser observado na Tabela 2. Após a seleção desse *corpus*, viu-se necessário a elaboração de códigos que representassem os objetivos gerais da análise. Assim, ficou definida a unidade de amostragem como sendo a página do Facebook Pensando Pensamentos. Para a unidade de contexto, os embasamentos teóricos expostos nos Capítulos 2 e 3, respectivamente, sobre gênero e Internet, expõem o contexto em que serão interpretados os resultados dessa análise. Foram definidos, também, quatro códigos que serão analisados por meio de quatro unidades de análise e suas categorias previamente elaboradas. Os códigos, representantes da finalidade dessa pesquisa, são: 1) verificar a presença de um caráter regulador de gênero nas postagens; 2) identificar estratégias de regulação das práticas sociais e/ou sexuais das mulheres; 3) verificar a justificativa ou o motivo para tais

representações; e 4) verificar a manutenção do padrão de discurso hegemônico presente nas postagens.

Figura 5 – Imagens das 16 postagens analisadas



Fonte: montagem feita pela autora em 25 de outubro de 2014.

Tabela 2 – Textos presentes nas imagens analisadas

Identificação da imagem	Texto
1	“só puta ou pobre gostam de calor”
2	“tão puta mas tão puta que as fotos que vazam ela ta de roupa”
3	“desafio ‘sem make’ é fácil, faz ai o desafio de deixar de ser puta”
4	“’feia mas to com ela’ mas ta feia.”
5	“’feia mas ta valendo’ ah mas não ta valendo não”
6	“’bonito, pena que é gay’ até parece que se fosse hetero ia querer te pegar, sua gorda.”
7	“passou maquiagem ou doritos na cara?”
8	“200 fotos a mesma pose. tinha que ser GORDA”
9	“tua mãe sabe que na internet vc é uma vagabunda?”
10	“’TÔ FEIA MAS TO COM ELA’ ta feia mesmo, ainda bem que sabe. demônia.”
11	“vagabunda vai pra aula passando frio só pra pegar moletom dos macho”
12	“’a semana é santa, mas eu não.’ você é vagabunda, entendi.”
13	“para de tirar foto apertando os peito sua vagabunda.”
14	“’ta linda amiga’ não ta linda não, para de ser falsa.”
15	“tua mãe parece um sofá 3 e 2 lugares”
16	“Recalque não bate em porra nenhuma porque recalque não tem existência física sua puta”

Esses quatro códigos serão analisados por meio de quatro unidades de análise com suas respectivas categorias: a) termos; b) sentido; c) natureza; e d) interação. Ou seja, cada unidade conta com suas próprias categorias, disponíveis na Tabela 3, e que serão mais bem explanadas no próximo capítulo. Na primeira unidade, pretende-se analisar a semântica pura do texto, verificando-se os termos que foram utilizados nas postagens e seus possíveis significados dentro dos âmbitos de interpretação. Foi destacado em cada postagem um termo especial utilizado para

caracterizar as mulheres, são eles: “puta”, “vagabunda”, “gorda”, “feia”, “demônia”, “falsa”, “sofá” e “doritos”. A segunda unidade de análise busca inferir o sentido por trás das publicações. Essa unidade, puramente qualitativa, dedica-se a compreender em quais situações os padrões hegemônicos sexistas da sociedade ocidental são representados por meio das imagens analisadas. A terceira unidade de análise abrange a natureza da qual provém a possível depreciação da mulher, aqui desigualdade de gênero, presente nas postagens observadas. Essa unidade possui duas categorias de análise: por caráter estético e por caráter comportamental, que serão mais bem explanados e ilustrados adiante. Por fim, a quarta unidade diz respeito especificamente ao quarto código de análise, que pretende observar e refletir sobre as interações ocorridas nas postagens. Assim, os comentários, números de curtidas e compartilhamos serão analisados quantitativa e qualitativamente. A Tabela 3 mostra um resumo dos procedimentos aqui aclarados.

Tabela 3 – Unidades de análise e suas categorias

	Unidades de análise			
	Termos	**Natureza**	**Interação**	**Sentido**
Categorias	Puta Vagabunda Gorda Feia Demônia Falsa Sofá Doritos	Caráter estético Caráter comportamental	Comentários Curtidas Compartilhamentos	Preferência Atitude Intelecto Particularidade

O próximo capítulo apresentará os dados obtidos através das análises, além de suas possíveis interpretações e observações em diferentes níveis. Tal exposição se dará com base nos procedimentos aqui descritos.

5 ANÁLISE DOS DADOS

As interpretações dos dados serão aqui expostas a partir de uma incumbência de organização e melhor compreensão dos resultados, proposta pela autora deste trabalho. A análise será exibida de forma sincrônica para cada um dos quatro códigos elaborados, e, subsequentemente, de forma transversal, ao analisar conjuntamente todas as unidades, identificando aspectos que reincidem e/o se diferenciam, a fim de consolidar, portanto, um panorama dos comportamentos de internautas a partir das postagens na rede social analisada. Cada código será contestado por uma das quatro unidades de análise previamente explicadas e suas devidas categorias, conforme é possível observar na Tabela 4. Foi decidido que nem todas as quatro unidades serão utilizadas para discorrer sobre cada código, de maneira a não tornar essa análise demasiadamente redundante, apesar do fato de que os códigos são transparentes e as unidades podem se complementar. Ao longo de todo o processo, serão utilizados exemplos provenientes das amostras, buscando elucidar as ocorrências mais relevantes em relação aos objetivos desta monografia. É necessário aclarar, também, que as postagens são concebidas de uma imagem e um texto; porém, a presente pesquisa pretende analisar somente o texto exibido nas imagens, e não o que é exibido nas figuras. Essa decisão ocorre devido ao fato de que, de acordo com o olhar da autora e com a base teórica utilizada no processo de concepção deste trabalho, os textos por si só fornecem material suficiente para a realização das investigações.

As quatro unidades de análise foram estipuladas a partir das constatações elucidadas nos capítulos teóricos do presente trabalho. A primeira unidade: “termos”, que se refere especificamente à semântica dos textos, tomando como ponto de análise determinadas expressões utilizadas nas postagens, visa expor a objetivação das disputas de poder, tal qual foi visto no Capítulo 2. Como afirma Meyer (2004, p. 15), manejar o conceito de gênero prevê focar na “relação de poder em que tais diferenças e desigualdades são produzidas, vividas e legitimadas”. A autora propõe, da mesma forma, fragmentar as conformidades contidas em certos termos, como dominação masculina e subordinação feminina, e outros que serão expostos a seguir, a fim de evidenciar os recursos e técnicas de poder que fundamentam e ratificam essas percepções.

A segunda unidade, denominada “sentido”, busca identificar as estratégias de regulação presentes nos conteúdos publicados. Segundo Mariano (2005, p. 485), conforme se universaliza as “especificidades do homem branco, heterossexual e detentor de propriedades”, esse sujeito torna-se titular de uma categoria normativa e opressora, como também expressa Butler (2003). Assim, essa unidade pretende auxiliar a averiguar possíveis juízos de valores presentes nas postagens, com base nas constituições opressoras dessa universalização, de acordo com o que foi exposto no segundo capítulo.

A unidade “natureza” tem como objetivo verificar a origem das justificativas para as possíveis características reguladoras encontradas nas publicações. Conforme Mariano (2005, p. 492), é o discurso “cultural hegemônico que normatiza as estruturas binárias de sexo e gênero, estabelecendo limites para as possibilidades de configurações do gênero na cultura”. Assim, esses limites impostos pelas crenças e representações de gênero, se visíveis no *corpus* dessa análise, pretendem ser identificados.

Finalmente, a quarta e última unidade de análise, “interação”, busca detectar uma eventual manutenção do modelo hegemônico vigente na atualidade. Com base, especialmente, nas apurações do terceiro capítulo desta monografia, que discorre sobre Internet, intenciona-se analisar, de forma quantitativa e qualitativa, as interações disponíveis nos comentários das publicações, que só são possíveis devido às especificidades da Web 2.0. Conforme Recuero (2013, p. 55), as conversações em rede possuem uma capacidade de transcendência, “navegando pelas conexões dos sites de rede social e ampliando a audiência e a participação dos demais”. Assim, os comentários que pretendem ser analisados emergem “das diversas interações entre os atores nessas ferramentas e viajam pelas conexões possibilitando larga participação” (RECUERO, 2013, p. 56).

Tabela 4 – Códigos e unidades de análise

Código	Unidade de análise
1. Verificar a presença de um caráter regulador de gênero nas postagens	a) Termos
2. Identificar estratégias de regulação das práticas sociais e/ou sexuais das mulheres	b) Sentido
3. Verificar a origem da justificativa ou motivo para tais representações	c) Natureza
4. Verificar a manutenção do padrão de discurso hegemônico presente nas postagens	d) Interação

5.1 Presença de um caráter regulador de gênero

O primeiro código, 1) verificar a presença de um caráter regulador de gênero, pode parecer óbvio e indiscutível à primeira vista, dado todo o levantamento bibliográfico e o conteúdo já apresentado nessa pesquisa. Porém, é interessante observar que foram selecionadas, para a análise, somente publicações da página direcionadas às mulheres, sem considerar o teor da mensagem nelas contidas. Ao verificar as 16 publicações elegidas, nota-se que todas, sem exceção, possuem um caráter regulador de gênero. A fim de reflexionar sobre essa conjuntura, será verificada a primeira unidade de análise, já explicada anteriormente, relacionada aos termos presentes nas postagens.

Ao averiguar as mensagens contidas nas imagens, observou-se que algumas palavras em especial foram utilizadas para caracterizar a personagem “genérica” feminina para qual as mensagens pretendem ser direcionadas. Tais palavras foram categorizadas, como pode ser observado na Tabela 5. Em cada uma das imagens, foi selecionada uma palavra que caracterizassem as mulheres. São elas, respectivamente e por ordem de aparição: “puta”, “feia”, “gorda”, “doritos”, “vagabunda”, “demônia”, “falsa” e “sofá”. Dos oito termos encontrados, a maioria (seis), são adjetivos. Tais adjetivos são dotados de uma conotação negativa, de acordo com os padrões vigentes na sociedade ocidental e com as crenças para representação de gênero. Foram selecionados, igualmente, dois substantivos (“doritos” e “sofá”) que foram utilizados de igual maneira para descrever de forma

depreciativa a mulher, como pode ser observado a partir do conjunto dos textos. Todos os oito termos selecionados são apropriados de contextos já existentes, provenientes das construções sociais com que são baseadas suas significações nas postagens, como o peso ou a conduta sexual da mulher.

Na Tabela 5 também é possível notar que alguns termos são mais utilizados que outros, visto que, em 16 postagens, foram selecionados somente oito vocábulos. As palavras mais utilizadas nas imagens analisadas foram “puta”, “feia”, “gorda” e “vagabunda”. Os dois termos mais utilizados, que apareceram em quatro postagens cada um, foram “puta” e “vagabunda”, termos esses que podem ser considerados sinônimos, designando mulheres que possuem modos de vida considerados “imorais” por uma parcela da sociedade que segue os processos culturais e sociais construídos historicamente por meio do sistema patriarcal vigente no Ocidente. A palavra “feia” aparece em terceiro lugar, com três postagens e, logo em seguida, a palavra “gorda” aparece em duas postagens, ambos referentes à estética das mulheres. Os sentidos que justificam as escolhas de palavras serão apresentados e interpretados mais adiante, nas próximas unidades de análise e suas categorias.

Tabela 5 – Termos reguladores utilizados nas mensagens

Id.	**Termos**							
	Puta	**Feia**	**Gorda**	**Doritos**	**Vagabunda**	**Demônia**	**Falsa**	**Sofá**
1	X							
2	X							
3	X							
4		X						
5		X						
6			X					
7				X				
8			X					
9					X			
10		X				X		
11					X			
12					X			
13					X			
14							X	
15								X
16	X							

É importante buscar compreender, no entanto, o uso dos dois substantivos como presença de um caráter regulador de gênero. A palavra “doritos”[42] está presente na imagem de número 7, que possui a mensagem: “passou maquiagem ou doritos na cara?”, conforme pode ser visto na Figura 6. Nesse caso, nota-se a utilização do determinado termo “doritos” para fazer alusão ao mau uso da maquiagem pela suposta receptora da mensagem, fazendo uma analogia à cor do salgadinho, que possui tons alaranjados. Assim, nota-se um caráter regulador no que tange a utilização de maquiagens pelas mulheres que fogem do padrão de beleza ocidental estipulado socialmente.

Figura 6 – Imagem nº 7

Fonte: *screenshot* feito pela autora em 25 de outubro de 2014.

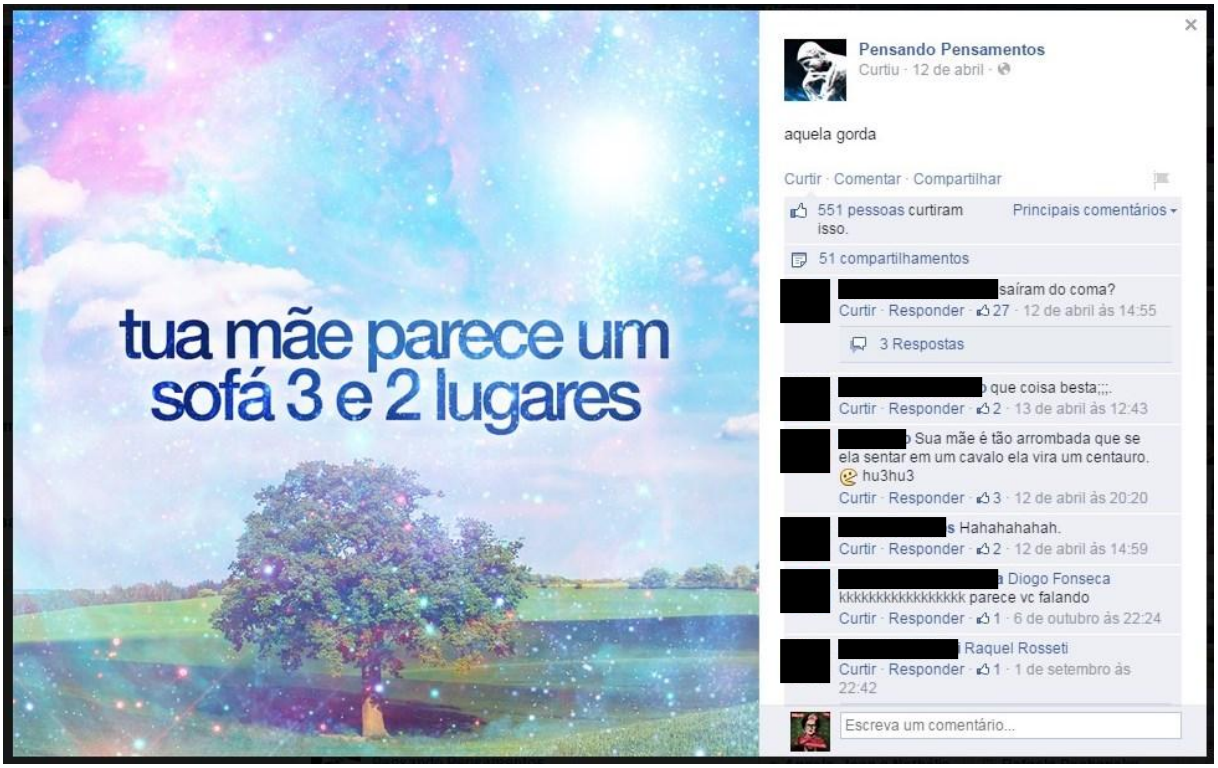
Na imagem de número 15, o substantivo utilizado é a palavra “sofá”. Tal publicação possui a mensagem “tua mãe parece um sofá 3 e 2 lugares”, como pode ser observado na Figura 7. Nessa situação, o termo “sofá” diz respeito ao tamanho e/ou peso da figura materna da pessoa para quem a publicação é direcionada.

É interessante observar, além disso, que nesse caso específico o caráter regulador é voltado diretamente à mãe – mulher − da pessoa. Não é raro perceber que, muitas vezes, os insultos direcionados aos homens atingem não a eles

[42] Doritos é um salgadinho de tortilla lançado em 1964. Disponível em: <www.doritos.com.br>. Acesso em: 30 out. 2014.

próprios, e sim à sua mãe ou esposa, ou seja, o insulto é direcionado à mulher próxima ao homem ou ao fato do homem possuir trejeitos femininos, de se construir em um gênero feminino, contrariando a ordem binária encerrada em dois sexos e dois gêneros compatíveis, como: “filho da puta”, “corno” e “viado”. Nesses três exemplos, o primeiro está diretamente ligado à mãe da pessoa, mais especificamente a uma desqualificação de ordem moral de uso do próprio corpo, com a crença de que a mulher deve ver o sexo unicamente com fins procriativos, como manutenção de um ideal de família patriarcal. O segundo exemplo, “corno”, é direcionado à esposa da pessoa, que o traiu, sugerindo um relacionamento monogâmico como norma. Vale notar que ao homem foi permitido transgredir a monogamia, pois a traição era, de alguma forma, vista como reforço de sua masculinidade e virilidade, ao contrário da mulher, que era passível de sofrer fortes consequências caso acusada de adultério. O terceiro exemplo de insulto relaciona-se ao fato da pessoa se comportar como homossexual, atitude comumente relacionada ao atravessamento de fronteiras na construção de gênero, quando um homem se constrói feminino, sendo desqualificado como gay, sem necessariamente sê-lo. Essas constatações encontram-se enquadradas no conceito de heterossexualidade compulsória, utilizado por Judith Butler (2003), como foi visto anteriormente, no Capítulo Gênero e sexualidade. Tal conceito reitera a regulamentação do gênero como uma “relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual” (BUTLER, 2003, p. 45). Desse modo, pode-se constatar que a mulher segue sendo, em pleno ano de 2014, alvo principal dos mais variados tipos de insultos, baseados no padrão binário hegemônico ainda em vigor.

Figura 7 – Imagem nº 15



Fonte: *screenshot* feito pela autora em 25 de outubro de 2014.

Assim, ao verificar os termos utilizados para caracterizar as mulheres nas imagens analisadas, fica claro o caráter regulador de gênero presente nas 16 postagens, por meio da reprodução de estereótipos, com a escolha de utilização de determinadas palavras, como “puta”, “vagabunda”, “gorda” e “feia”, todas significativamente consideradas injuriantes socialmente. Diz-se socialmente, pois, como bem observa Silva (2010), as desigualdades se reproduzem no campo da cultura e do simbólico:

> A denominação do sexo biológico traz implícita a expectativa sobre o gênero dos indivíduos, sobre os modos através dos quais deverá ser e estar na cultura: formas de viver, de vestir, de sentir, de falar (ou de calar), de agir, de se comportar, etc. Esses modos estão relacionados ao que foi convencionado como padrão normativo em uma sociedade, e não aos cromossomos dos indivíduos. (SILVA, 2010, p. 51).

Essas expectativas que foram frustradas pelos que ousam transgredir a norma sugerem a regulação por um conjunto de termos aqui evidenciados. Os contextos, as orientações e os fundamentos por trás de tais termos, que demonstram traços que podem ser considerados pejorativos de gênero, conforme

sustentam os padrões opressores, serão buscados nas próximas unidades de análise.

5.2 Estratégias de regulação

A fim de identificar o segundo código elaborado para essa análise, que busca identificar possíveis estratégias de regulação das práticas sociais e/ou sexuais das mulheres e quais comportamentos são desprezados nas mensagens, as observações serão realizadas por meio da segunda unidade de análise, o “sentido”. É preciso atentar ao fato de que são feitas aqui inferências, portanto, possibilidades, a partir da leitura do conteúdo. Não é possível afirmar contundentemente a intenção de quem diz ou o sentido de quem lê. Porém, é possível observar indícios e evidências nos casos investigados. Dessa forma, essa unidade de análise foi dividida em quatro categorias. São elas: “preferência”, “atitude”, “intelecto” e “particularidade”.

A primeira categoria diz respeito às atitudes baseadas, sobretudo, nas preferências e gostos pessoais das mulheres. A segunda categoria representa as possíveis estratégias reguladoras que se referem ao modo de agir e à conduta feminina, como a maneira como ela se maquia ou posa para uma foto. A terceira categoria lida especificamente com o julgamento do intelecto da mulher. Finalmente, a quarta e última categoria desse nível evidencia situações que são definidas pela particularidade de cada mulher, como o seu peso ou a sua conduta sexual. Todos esses sentidos representados pelas categorias selecionadas estão fundamentados nas diferenciações de gênero em várias instâncias da vida social. É por meio desses distintivos culturais hegemônicos, elaborados a partir das relações de poder e estratégias de regulação, “que se operam os sentidos entendidos como legítimos sobre o que significam masculino e feminino, indicando, também, os lugares sociais destes" (SILVA, 2010, p. 51). Sendo assim, é possível observar na Tabela 6 as imagens categorizadas pela segunda unidade de análise.

Tabela 6 – Imagens categorizadas pelo seu sentido

Id.	Sentido			
	Preferência	Atitude	Intelecto	Particularidade
1	X			
2		X		
3		X		
4				X
5				X
6				X
7		X		
8		X		X
9		X		
10				X
11		X		
12				X
13		X		
14				X
15				X
16			X	

Ao observar os dados coletados nessa unidade de interpretação, é possível notar que dois sentidos se destacam quantitativamente: “atitude” e “particularidade”, com sete e oito representações, respectivamente. Enquanto que as categorias “preferência” e “intelecto” aparecem apenas uma única vez cada uma.

A publicação de número 16 possui a frase “Recalque não bate em porra nenhuma porque recalque não tem existência física sua puta”, como pode ser observada na Figura 8. Tal afirmação foi posta na categoria “intelecto” e, dentro dessa análise, é a única nessa posição. É possível observar que a frase parece possuir uma estratégia de regulação, pois é claramente uma reprimenda à mulher, terminando por desqualificá-la como “puta”. Porém, ao contrário de chamá-la de “puta” pelo seu comportamento sexual ou algo que permeie esse aspecto, a reprimenda aparenta proceder do fato de que a mulher não possui o devido conhecimento de certas leis da Física. Nesse caso, a reprovação teria um caráter intelectual. É curioso atentar à escolha do termo “puta” para designar uma suposta falha de intelecto, e não algum vocábulo que signifique, na Língua Portuguesa, “burra” ou “ignorante”. É possível observar, nas relações de gênero e poder, que o masculino constitui-se, geralmente, como condição primeira, subordinadora do feminino, como expõe Beauvoir (1949). As qualidades consideradas dentro da "normalidade" "acabam por constituir uma hierarquia social excludente que pode ser

compreendida por meio da imagem de uma pirâmide de distribuição de poder, cujo topo é constituído pelo masculino hegemônico" (SILVA, 2010, p. 54), no caso: branco, heterossexual e classe média. Na base, encontram-se aqueles que fogem ao padrão, como mulheres, homossexuais, negros, lésbicas, pobres, outras categorias diversas da sexualidade, etc. Assim, ainda conforme a autora, o feminino sempre esteve associado "ao privado, ao lar, ao sexo como sinônimo de procriação, à fragilidade, à sensibilidade, à passividade, à subordinação sempre em relação ao seu oposto e centro normativo: o masculino [...]" (SILVA, 2010, p. 54). Dessa forma, o emprego do termo "puta" remete a uma forma de regulação e de manutenção da mulher em uma postura assexuada, com fins procriativos e sem domínio do próprio corpo. É interessante notar como o termo “puta” encontra uma amplitude de significados diante de variados contextos. O comportamento sexual já não basta como argumento para a tentativa de ofensa com tal palavra. Nesse caso em específico, o redator do texto poderia haver-se utilizado de uma série de diferentes termos ligada à falta de intelecto, mas optou por empregar o termo “puta”, um dos mais utilizados nas postagens analisadas, como visto anteriormente.

Figura 8 – Imagem nº 16

Fonte: *screenshot* feito pela autora em 25 de outubro de 2014.

A categoria “preferência” também contou com apenas uma aparição, na imagem de número 1, que pode ser observada na Figura 9. A frase “só puta ou pobre gostam de calor” demonstra não só uma, mas duas estratégias de regulação. Aqui a discriminação não se faz presente só em determinação de gênero, mas também de classe social, ao se referir aos pobres que possivelmente não possuem muitas opções de vestimenta. Aparentemente, o comportamento menosprezado nessa situação é o simples fato de gostar de calor. Portanto, seguindo a linha de raciocínio do conteúdo dessa postagem, a mulher que vier a apreciar o tempo quente, também pode ser considerada “puta”, termo aparentemente coringa para menoscabar as mulheres.

Além disso, pode ser possível inferir que tal agrado pelo calor possa estar relacionado com o fator vestimenta, visto que quanto mais quente, menos roupas as pessoas tendem a usar. Assim, chega-se na “clássica” e conservadora premissa de que mulheres que vestem “pouca roupa” são consideradas “putas”, generalização simplista construída socialmente e ainda vigente na sociedade ocidental atual. Tal atitude que diz respeito à forma de se vestir exemplifica, também, os padrões normatizantes decorrentes da pirâmide social de hierarquias e relações de poder, em que os fatores de aceitação são determinados pelo masculino dominante e prevalecente, tal qual foi exposto por várias autoras. Essas atitudes que se encontram fora dos padrões de formulação das convenções de gênero e

sexualidade estão diretamente relacionadas às instâncias de saber e poder, como já foi observado. A legitimação histórica dessas construções sociais faz dessas diferenças, desigualdades (SILVA, 2010). Ela explica:

> Analisar em cada contexto as formas como as afirmações e negações são geradas, como as relações de poder se estabelecem e sobre quais pressupostos os saberes se constituem e se legitimam permite colocar em xeque as naturalizações que implicam, em última instância, violações constituídas a partir da intolerância à diferença. (SILVA, 2010, p. 62).

Figura 9 – Imagem nº 1

Fonte: *screenshot* feito pela autora em 25 de outubro de 2014.

As duas últimas categorias dessa unidade de análise, que receberam bem mais representações, são “atitude” e “particularidade”, ambas também aprisionadas em reproduções de padrões opressores de gênero. A categoria “atitude” foi encontrada nas seguintes publicações: 2, 3, 7, 8, 9, 11 e 13, enquanto a categoria “particularidade” se faz presente nas publicações: 4, 5, 6, 8, 10, 12, 14 e 15, como puderam ser observadas na Tabela 6. Nota-se que a publicação de número 8, que pode ser vista na Figura 10, foi classificada com as duas categorias. A publicação possui a mensagem: “200 fotos a mesma pose. tinha que ser GORDA”. Ao mesmo tempo em que há um juízo de valor que faz referência à atitude em definir com que pose a mulher irá posar para as fotos, é possível observar outro, que diz respeito

especialmente à particularidade do peso do seu corpo. Assim, nota-se, ao considerar essa publicação, que a mulher sofre prejulgamentos pela elementar escolha de repetir a mesma pose para fotos e, da mesma forma, por estar acima do peso, caráter estético que será posto em evidência na próxima unidade de análise proposta por esta monografia.

Figura 10 – Imagem nº 8

Fonte: *screenshot* feito pela autora em 25 de outubro de 2014.

Na categoria “atitude”, foram observados juízos de valores referentes à maneira como as mulheres posam para fotos, se maquiam ou como se comportam na Internet ou na escola. A categoria “particularidade” demonstra concepções essencialmente de padrões estéticos e de beleza, além de comportamentos sociais. Nota-se, a partir dessa unidade de análise, que as constituições das estratégias de regulação são diversas e abrangem os mais variados comportamentos. Pode-se inferir, sem grande rigor, ao examinar tais constatações, que a mulher torna-se alvo de intolerâncias sem importar, verdadeiramente, o comportamento com o qual ela esteja engajada em determinado momento.

As estratégias de regulação presentes nas publicações analisadas, bem como as condutas e práticas nelas descritas, deixam clara a perpetuação de

desigualdades em relação àqueles que fogem dos padrões socialmente preestabelecidos na sociedade. Essas desigualdades são redimensionadas no ciberespaço de forma relevante, como vem sendo demonstrado no presente trabalho. Observa-se, nas postagens analisadas da página Pensando Pensamentos, que a violência simbólica pode ser gerada e fortalecida por meio de manifestações presentes, nesse caso, na rede social Facebook. Esse tipo de violência representa "a internalização (inconsciente) do discurso do dominador pelo dominado, que o faz cúmplice de sua própria dominação" (SARTI, 2004, p. 43), como pode ser obervado nas postagens e nas interações, que serão analisadas adiante.

5.3 Representações construídas

O terceiro código estabelecido pretende verificar a origem das justificativas ou dos motivos aparentes para as representações constatadas nas publicações. Dessa forma, será utilizada, também, a terceira unidade de análise, referente à natureza da representação. Busca-se identificar de que forma as publicações fundamentam seu conteúdo. Essa unidade é baseada em duas categorias: “caráter estético” e “caráter comportamental”. Como foi percebido, na unidade anterior, que as categorias “atitude” e “particularidade” estavam significativamente presentes, optou-se por buscar as justificativas nesses dois âmbitos recorrentes nas postagens. É possível observar a organização dessas categorias na Tabela 7.

Essa divisão decorre da observação de que as representações sexistas presentes nas imagens analisadas estão centradas em dois grandes fatores: o comportamental e o estético. A maneira como a mulher age, assim como a sua aparência física, são os principais elementos que acarretam em manifestações discriminatórias. É interessante refletir que, inevitavelmente, a mulher irá possuir uma aparência física, dentro ou fora dos padrões tradicionais, assim como estará sempre agindo e tomando decisões mediante sua existência. Então, vê-se que os discursos estereotipados estarão, em certa instância, sempre presentes.

Tabela 7 – Imagens categorizadas pela natureza da representação

Id.	Natureza da representação	
	Caráter estético	Caráter comportamental
1		X
2		X
3	X	X
4	X	
5	X	
6	X	
7	X	
8	X	X
9		X
10	X	
11		X
12		X
13	X	X
14	X	X
15	X	
16		X

Cada uma das categorias estabelecidas apareceu dez vezes nas postagens, sendo que quatro postagens − 3, 8, 13 e 14 − foram qualificadas em ambas as categorias. O caráter estético está presente nas imagens 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 13, 14 e 15, enquanto o caráter comportamental encontra-se nas publicações de número 1, 2, 3, 8, 9, 11, 12, 13, 14 e 16. Para aclarar o fato das imagens que se enquadram nas duas categorias, será tomada como exemplo a publicação de número 3, que pode ser vista na Figura 11.

A imagem nº 3 apresenta a seguinte mensagem: “desafio ‘sem make’ é fácil, faz aí o desafio de deixar de ser puta”. Nesse caso, nota-se uma observação sarcástica ao fato da mulher utilizar, ou não, produtos de maquiagem para aproximar-se dos padrões instituídos de beleza. Fato esse que aproxima a publicação do caráter estético. Ao mesmo tempo, vê-se mais uma vez, a utilização do termo “puta”, já recorrente na presente análise. Desta vez, o autor do conteúdo faz um convite ao “desafio de deixar de ser puta”, mostrando, novamente, um desacordo com o caráter comportamental da mulher em questão. Assim, ambos os fatores, estético e comportamental, encontram-se presentes nessa imagem. Aqui, a mulher supostamente já é considerada alguém de conduta similar a uma meretriz.

Porém, o fato de escolher não utilizar maquiagem em determinado momento, faz com que surja a provocação para sua mudança de comportamento, seja ele qual for.

Figura 11 – Imagem nº 3

Fonte: *screensho*t feito pela autora em 25 de outubro de 2014.

Ao observar as dez imagens categorizadas com o caráter estético, é possível identificar as principais justificativas utilizadas para a depreciação. Uma delas é, fundamentalmente, estar fora do padrão de beleza imposto e construído socialmente no decorrer dos tempos, como pode ser observado na Figura 12, que mostra a imagem de número 10. São quatro publicações (4, 5, 10 e 14) que se dirigem particularmente ao fato da mulher ser ou estar "feia".

Figura 12 – Imagem nº 10

Fonte: *screenshot* feito pela autora em 25 de outubro de 2014.

A imagem de número 10 possui a mensagem "'TÔ FEIA MAS TÔ COM ELA' ta feia mesmo, ainda bem que sabe. demônia.". Aqui, apesar de a mulher ter, de certa forma, já afirmado que não estava de acordo com os padrões de beleza, o autor do conteúdo faz questão de reafirmar o fato, além de utilizar o termo "demônia" para salientar seu descontentamento com o caso estético em questão. Nota-se que o simples fato de expressar-se, nesse caso afirmando estar feia, torna a mulher, mais uma vez, vítima de ataques sexistas que reiteram discursos hegemônicos padronizados.

Outra justificativa representativa do caráter estético é estar acima do peso considerado ideal para cada mulher. São três publicações que falam especificamente sobre o fato de "ser ou estar gorda" (6, 8 e 15), como pode ser observado na Figura 13, que mostra a imagem nº 6. Tal imagem possui a frase "'bonito, pena que é gay' até parece que se fosse hetero[43] ia querer te pegar, sua gorda.". Nesse caso, o autor do conteúdo expressa que não importa se o homem em questão é homossexual ou heterossexual, pois o fato da mulher estar acima do peso a torna alguém não elegível como possível candidata a algum tipo de

[43] Hetero, na linguagem coloquial, é sinônimo de heterossexual.

relacionamento. Assim, fica evidente o caráter depreciativo de gênero não só em relação à orientação sexual, mas também no que se refere ao peso da mulher.

Figura 13 – Imagem nº 6

Fonte: *screenshot* feito pela autora em 25 de outubro de 2014.

Dessa forma, é presumível inferir que, de acordo com o sexismo manifestado nas publicações analisadas, as mulheres que não se encontram devidamente dentro dos padrões estéticos entabulados na sociedade patriarcal, estão aptas a sofrerem os mais diversos tipos de afrontas e violências simbólicas.

No quesito "caráter comportamental", as ponderações são bem mais polarizadas. Das dez imagens categorizadas nesse item, oito, ou seja, 80% das imagens apresentam menoscabos justificados pelo comportamento sexual da mulher. Nessas oito imagens pode-se perceber o emprego do termo "puta" ou "vagabunda". Por mais que as situações descritas nas imagens sejam diversas, todas são justificadas pelo comportamento sexual, mesmo que esse não esteja explícito nos textos analisados. Como já foi visto anteriormente, os termos possivelmente degradantes "puta" e "vagabunda" possuem seus significados ampliados, visto que o objetivo principal parece ser apenas ofender a mulher, sem considerar devidamente as justificativas para isso.

Como exemplo dessas ocorrências, pode-se observar a imagem de número 11, disponível na Figura 14. Nela, lê-se a seguinte afirmação: “vagabunda vai pra aula passando frio só pra pegar moletom dos macho”. Aqui, quem escreveu o conteúdo sustenta que certas mulheres vão para a aula sem agasalho suficiente somente com o intuito de usufruir dos abrigos, nesse caso os moletons disponibilizados pelos homens, como uma estratégia para atraí-los. Nota-se o emprego de termos marcantes não só como “vagabunda”, mas também “macho”, numa tentativa de destacar a superioridade do homem, além da depreciação da mulher.

Figura 14 – Imagem nº 11

Fonte: *screenshot* feito pela autora em 25 de outubro de 2014.

No que tange a natureza da depreciação das mulheres nas publicações analisadas, vê-se que as justificativas estão constantemente baseadas em fatores estéticos ou comportamentais, sempre tendo o sexo ou a atração sexual como base. Pode-se inferir que o exercício da sexualidade é o grande tabu nessas postagens. São os modelos padronizados de uma estética em particular e as crenças construídas sobre um modo considerado ideal de conduta que continuam a potencializar os discursos impetuosos e agressivos dirigidos às mulheres. Esses parâmetros normatizados levam a uma aproximação de subordinações derivadas do desempenho de papéis, funções e características binárias entre homens e mulheres.

Por outro lado, como demonstra Meyer (2004), o pensamento permeado de uma perspectiva pós-estruturalista busca um acercamento com temáticas que evidenciem o social e a cultura, em vasto sentido. Assim, homens e mulheres seriam "constituídos e atravessados por representações – sempre múltiplas, provisórias e contingentes – de feminino e de masculino que, ao mesmo tempo, produzem e/ou ressignificam essas representações" (MEYER, 2004, p. 15).

5.4 Atos digitais na manutenção dos padrões

Finalmente, o quarto e último código de investigação pretende verificar a aceitação e possível manutenção do padrão hegemônico de discurso presente nas publicações analisadas. Para tanto, será utilizada a unidade de análise que se refere às interações ocorridas nas postagens. Os comentários das postagens com mais curtidas, ou seja, que obtiveram um maior número de aceitação no Facebook serão postos em evidência para análise de forma quantitativa e, especialmente, qualitativa, de acordo com o caráter de aceitação ou não do conteúdo existente nas imagens. As principais informações das cinco publicações mais curtidas podem ser observadas na Tabela 8.

Tabela 8 – Cinco publicações mais curtidas

Publicações mais curtidas		
Id.	Nº de curtidas	Nº de comentários
3	7.854	582
6	4.022	266
1	3.720	228
12	3.604	240
4	3.567	99

É possível observar que a publicação de número 3 é a que possui o maior número de curtidas, com uma diferença de 3.832 curtidas para a segunda colocada, a publicação de número 6. É a maior diferença entre todas. Enquanto a publicação 3 possui 7.854 curtidas, a publicação 6 possui 4.022. Logo após, encontra-se a publicação de número 1, com 3.720 curtidas; a de número 12, com 3.604 curtidas; e

a de número 4, com 3.567 curtidas. A segunda, a terceira, a quarta e a quinta colocação não possuem diferenças expressivas no que tange os números de curtidas. Assim, serão expostas nesta monografia as observações pertinentes referentes às primeiras três publicações com maior número de curtidas, já que somam tanto e justificam-se pela quantidade.

Dessa forma, serão observadas, primeiramente, as interações presentes na publicação de número 3. Essa publicação possui 7.854 curtidas, 4.317 compartilhamentos e 583 comentários. Ao examinar os 583 comentários dessa imagem, é possível perceber que a maioria dos comentários exprimem aceitação do conteúdo postado, majoritariamente em forma de humor. A maior parte dos comentários exprimem risadas; tanto perfis masculinos como femininos aparentam crer ser engraçado o conteúdo “desafio ‘sem make’ é fácil, faz aí o desafio de deixar de ser puta”, exposto na imagem de número 3. Alguns exemplos dessas manifestações podem ser observados na Figura 15. É extremamente interessante observar o expressivo número de mulheres que curtem e comentam na publicação de forma a aceitar o sentido nela exposto. Aqui, é possível verificar, a partir do número considerável de curtidas e comentários positivos, que as expressões difamadoras destinadas às mulheres presentes nestas postagens já estão naturalizadas culturamente na sociedade ocidental contemporânea e seguem sendo reproduzidas diariamente em inúmeras parcelas do corpo social, nas mais diversas situações, dentro e fora da Internet, na rua, em eventos sociais ou até mesmo entre amigos. Sobre essa conjuntura, a pesquisadora Marcia Veiga da Silva comenta:

> O fato é que, mesmo com o conjunto de conquistas alcançadas pelas mulheres, no plano de valores da cultura Ocidental, e da brasileira em especial, o feminino − e não apenas as mulheres − ainda é posto em condição desigual em relação ao que se convencionou socialmente como masculino. (SILVA, 2010, p. 52).

Ademais, é possível notar que muitos perfis comentam marcando seus amigos na rede social, ou seja, chamando outros perfis para examinar a publicação. Há também, além da majoritária conotação de humor concedida à postagem por meio dos comentários, tons mais sérios e ofensivos, como pode ser observado na Figura 16. Nesse exemplo, um determinado perfil de nome feminino marca ironicamente dois outros perfis também femininos. Ao passo que as duas pessoas marcadas revidam, chamando esse determinado perfil de ridícula. O perfil feminino ainda as qualifica como “galinhas”, ao que um responde “a gente se inspira em você

querida hahahaha”. Aqui, apesar do tom irônico visível nos comentários, é possível perceber a acidez e severidade com que ocorre a interação, no caso dos comentários evidenciados. É interessante observar que as mulheres acabam reproduzindo um modelo generalizado para desqualificar outras como um todo, todavia presas aos padrões que, provavelmente, oprimem a elas mesmas.

Porém, apesar da maioria dos comentários compactuarem com a mensagem sexista exposta na publicação, é possível perceber alguns casos isolados que condenam esse tipo de conteúdo. São, em sua maioria, mulheres questionando as ideias por trás das postagens, com frequência caracterizando a publicação e a página Pensando Pensamentos como “machista”, de maneira que pode ser observado na Figura 17. Assim, vê-se que as interações ali expostas não são todas de acordo com o padrão de discurso hegemônico presente nas postagens, em especial na publicação de número 3, levando em consideração que, em sua maioria, os atores sociais que buscam a página o fazem por afinidade com este modelo hegemônico, como foi observado no referencial teórico sobre as redes sociais.

Figura 15 – Comentários na imagem nº 3

Fonte: *screenshot* feito pela autora em 1º de novembro de 2014.

Assim, nota-se um fenômeno significante de aceitação, mesmo que sustentada pelo humor, dessas produções simbólicas relacionadas com desigualdades de gênero. É relevante atentar ao fato de que as mulheres, a quem as postagens são dirigidas, também colaboram com tal aceitação nas interações observadas. Faz-se necessário, então, dar prosseguimento às análises das próximas publicações, a fim de verificar a continuidade de tais considerações.

Figura 16 – Comentários ofensivos na imagem nº 3

Fonte: *screenshot* feito pela autora em 1º de novembro de 2014.

A publicação de número 6 é a segunda com mais curtidas das postagens analisadas na página Pensando Pensamentos. Ela possui 4.022 curtidas, 836 compartilhamentos e 266 comentários. O texto presente na imagem é o seguinte: "'bonito, pena que é gay' até parece que se fosse hetero ia querer te pegar, sua gorda.", como foi visto anteriormente.

Ao verificar os comentários realizados nessa publicação, nota-se uma semelhança com os comportamentos vistos nos comentários da publicação de número 3. A maioria dos perfis, de homens e de mulheres, acha graça do "humor" proposto pela página. As pessoas marcam seus amigos e os identificam com o conteúdo da publicação. Exemplos dessas interações podem ser observados na Figura 18. Recuero & Soares (2013) afirmam que o sentido do humor muitas vezes pode residir na percepção de estereótipos. De acordo com as autoras, o humor pode, em várias instâncias, alterar e maquiar a repercussão de conteúdos violentos. "O humor, assim, pode atuar no discurso de forma a mascarar e reduzir o impacto da violência na percepção dos sujeitos" (RECUERO & SOARES, 2013, p. 241).

Figura 17 – Comentários que não compactuam com o conteúdo na imagem nº 3

Fonte: *screenshot* feito pela autora em 1º de novembro de 2014.

No entanto, essa publicação contou com mais comentários que contestam os padrões reproduzidos na imagem do que a primeira publicação analisada. Foi possível reparar em vários comentários com mensagens sobre a inutilidade de "combater preconceitos com mais preconceitos" e afins, fazendo referência à gordofobia[44] e à homofobia.[45] Exemplos desses tipos de manifestações podem ser vistos na Figura 19. Com isso, notaram-se, também, comentários que mencionavam tais questionamentos. De certa forma, os comentários repreendiam os perfis que ousavam questionar o conteúdo da publicação. Algumas dessas interações estão visíveis na Figura 20.

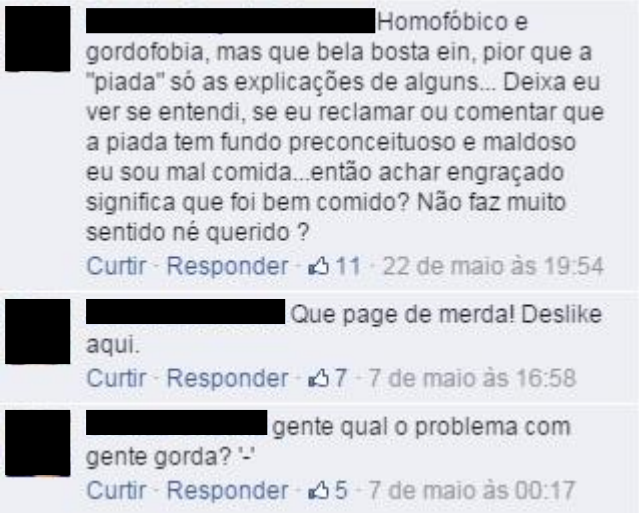
[44] Preconceito contra gordos.
[45] Preconceito contra homossexuais.

Figura 18 – Comentários que compactuam com o conteúdo na imagem nº 6

Fonte: *screenshot* feito pela autora em 1º de novembro de 2014.

É possível observar, na Figura 20, uma divergência de pensamentos entre duas pessoas com relação ao conteúdo da imagem de número 6. Um determinado perfil de nome masculino, ao divulgar sua opinião, considera que o “mal do século” seriam as pessoas “chatas” e “mal comidas” que se atrevem a identificar “preconceitos” nos mais variados meios. Sobre a sua fala, um perfil de nome feminino problematiza. Ela questiona o sentido em relacionar uma reflexão acerca de “preconceitos” com a vida sexual de cada indivíduo. O perfil masculino revida em uma tentativa de explicar a relação que foi feita por sua “linha de raciocínio” e finaliza: “nao gostou me processa fofa bjx”, utilizando-se de ironia na falta de argumentação válida para sua concepção.

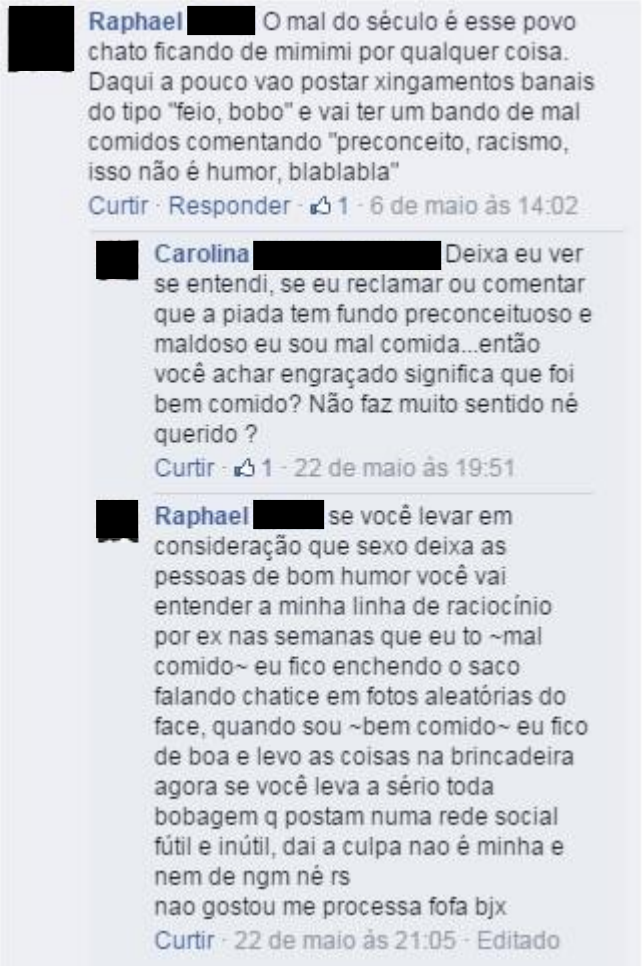
Figura 19 – Comentários que questionam o conteúdo na imagem nº 6



Fonte: *screenshot* feito pela autora em 1º de novembro de 2014.

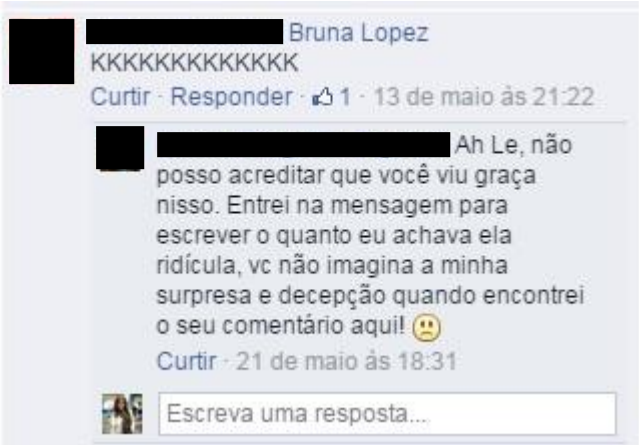
É interessante ressaltar a presença de comentários que buscam a desconstrução desses padrões sexistas recorrentes nas postagens e em grande parte de seus comentários. O exemplo visível na Figura 21 mostra a decepção de um perfil de nome feminino ao se deparar com o comentário contendo risadas de sua amiga. “vc não imagina a minha surpresa e decepção quando encontrei o seu comentário aqui!”, afirma o perfil. Em uma abundância de pontos de vista que assentam com o discurso reacionário da sociedade contemporânea, as vozes destoantes são as que buscam a reflexão e a indagação desses padrões.

Figura 20 – Comentários divergentes na imagem nº 6



Fonte: *screenshot* feito pela autora em 1º de novembro de 2014.

Figura 21 – Comentário que contém questionamento na imagem nº 6



Fonte: *screenshot* feito pela autora em 1º de novembro de 2014.

A publicação de número 1 possui 3.720 curtidas, 880 compartilhamentos e 228 comentários. Ela foi a terceira publicação analisada mais curtida. Ao verificar os

comentários dessa postagem, é possível afirmar que eles seguem os mesmos indicadores de comportamento que as outras duas imagens analisadas.

A imensa maioria dos comentários vê-se de acordo com a “verdade” compartilhada pela página, conforme os exemplos presentes na Figura 22. Perfis masculinos e femininos marcam seus amigos e riem ao considerar graciosa a frase “só puta ou pobre gostam de calor”. Nesse caso em particular, foram muito poucos os comentários que divergiam dessas orientações, porém, ainda foram registrados, como pode ser observado na Figura 23.

Figura 22 – Comentário que compactuam com o conteúdo na imagem nº 1

Fonte: *screenshot* feito pela autora em 1º de novembro de 2014.

Figura 23 – Comentário que não compactuam com o conteúdo na imagem nº 1

Fonte: *screenshot* feito pela autora em 1º de novembro de 2014.

Ao explorar a quarta e última unidade de análise do *corpus*, constatou-se uma ampla aceitação dos padrões de discurso hegemônico existentes nas postagens selecionadas da página Pensando Pensamentos. A despeito de algumas manifestações que ousam buscar a desconstrução dessas crenças e representações sexistas de gênero, fica clara a evidência de que tais argumentos ainda são validados por grande parte dos usuários do Facebook e, nesse caso em específico, dos seguidores da página Pensando Pensamentos. Além disso, parecem ser dotados de uma autoridade, ao acionarem um discurso validado historicamente, mesmo que preconceituoso.

Ao verificar as interações nos comentários das postagens selecionadas, é possível observar o capital social dos atores que ali interagem. Conforme demonstra Recuero (2013), os atores “utilizam-se da conversação para construir valores e ter acesso a recursos do grupo, tais como a legitimação de impressões a respeito de si mesmos, o acesso a informações, o suporte, e o apoio social etc” (RECUERO, 2013, p. 56). Nos casos analisados para esta monografia, observou-se que as conversações e interações estavam nitidamente baseadas na afirmação de processos históricos opressores à condição da mulher na sociedade. Essas interações se valem de uma autoridade “irracional”, pois justificam a desigualdade, por mais incoerente que isso possa parecer. As raízes com que se baseiam os conteúdos das postagens e suas interações permanecem intocadas, ao passo que suas folhas e frutos estejam tomando outros tons.

5.5 Tensões de gênero na rede

Ao investigar o *corpus* selecionado para esta monografia, por meio de quatro etapas, foi possível observar uma série de aspectos que contribuem para a caracterização sexista deste material. Foram quatro unidades de análise que buscaram interpretar os termos, o sentido, a natureza e as interações do material coletado.

Ao verificar a primeira unidade de análise, que diz respeito aos principais termos utilizados nas postagens, constatou-se que todas as imagens analisadas possuem um caráter regulador de gênero que pode ser considerado sexista. Os dois termos mais utilizados no conteúdo das publicações foram “puta” e “vagabunda”. Foi interessante perceber, nessa camada de observação, a intensa utilização de termos misóginos ligados à sexualidade da mulher. Um dos padrões recorrentes e expostos no conteúdo analisado é a crença de que uma mulher sexualmente ativa e que, simplesmente, busca exercer a sua sexualidade, tende a causar reação na sociedade, por consequência dos papéis justificados pela divisão binária de gênero. Assim, em uma tentativa de desmerecer os direitos das mulheres, termos como “puta” e “vagabunda” são empregados em diversas instâncias, sem necessariamente referir-se ou saber-se sobre a sexualidade da mulher sobre quem se fala.

A segunda unidade de análise buscou verificar estratégias de regulação das práticas sociais e/ou sexuais das mulheres, como os comportamentos desprezados nas postagens analisadas. Isso foi realizado por meio de uma investigação da produção de sentido das publicações, dividido em quatro categorias: “preferência”, “atitude”, “intelecto” e “particularidade”. Duas categorias apareceram de forma mais expressiva nas imagens: “atitude”, que diz respeito a todo juízo de valor que corresponde ao modo de agir e à conduta feminina, como a maneira como ela se maquia ou posa para uma foto; e “particularidade”, evidenciando situações que são definidas pelas particularidades da mulher, como o quanto ela pesa ou a sua conduta sexual. Foi observado, nessa etapa, que são infinitos os comportamentos que tornam as mulheres alvo de ataques sexistas. Determinados aspectos do que uma mulher faz, que fogem das expectativas essencialmente masculinas, ou a maneira como ela se apresenta é passível de ser entendido como algo que valha um desmerecimento. Em alguns casos, como o do “intelecto”, os padrões tradicionais

que determinam um papel para a mulher na sociedade também acabam se perdendo, pois as estratégias observadas carecem de fronteiras ou demarcações.

A fim de identificar as origens das justificativas ou motivos para as depreciações observadas, valeu-se da terceira unidade de análise, que diz respeito à natureza dos menoscabos, divida em duas categorias: caráter comportamental e caráter estético. Nota-se que os argumentos predominantes para a legitimação dos insultos constituem-se em, essencialmente, sair dos moldes de beleza preestabelecidos e ainda em vigor presentemente e, também, possuir hábitos e posturas que não condizem com as crenças e representações de gênero vigentes na sociedade ocidental, patriarcal e hegemônica. As mulheres ainda se encontram destinadas a serem objetos de observação, presas a ideais de beleza, sofrendo as consequências tanto por insinuarem sua suposta beleza ou por fugirem desse ideal, não cumprindo com um modelo ocidental de beleza. Assim, infere-se que as mulheres continuarão sendo delimitadas por discursos reacionários enquanto os modelos opressores, que enxergam no homem a fonte única de legitimação dos costumes sociais, permanecerem considerados os normais e válidos dentro da sociedade.

A última unidade de investigação procurou mensurar a aceitação dos padrões expostos nas imagens analisadas. Com essa finalidade, fez-se uma análise quantitativa e qualitativa dos comentários das três publicações que obtiveram um maior número de curtidas na página Pensando Pensamentos. Foi de extrema significância observar que nem todos os comentários conformaram-se com o conteúdo divulgado pela página. Um número pequeno de perfis fez questão de demonstrar sua contrariedade ao sexismo ali exibido. Esse fato demonstra que existe, sim, uma parcela da população que se vê disposta a questionar e problematizar esses modelos, mesmo que eles sejam redimensionados com a ajuda das redes sociais. No entanto, quiçá, a constatação mais prevalecente dessa análise é de que a imposição, visível nas interações da página Pensando Pensamentos, do conteúdo misógino e de caráter preconceituoso e heteronormativo ali divulgado, é nitidamente majoritária. Mulheres, tanto quanto os homens, aparentam aquiescer, especialmente por meio do humor, um discurso repleto de generalizações simplistas, com características reacionárias e heteronormativas que se dedica a desqualificar o feminino e outras disparidades sociais.

Por fim, é importante ressaltar a maneira como o conteúdo exposto nas publicações investigadas se refere às mulheres. As 16 publicações dirigem-se a uma possível interlocutora genérica, feminina e subordinada aos padrões definidos pelo masculino hegemônico. Fala-se à categoria “mulheres”, ou à categoria “mulheres feias”, “mulheres gordas” ou “mulheres putas”. É observável uma evidente generalização do que é ser mulher, generalização essa concebida de maneira simplista e conservadora. Na construção do referencial teórico desta monografia, buscou-se demonstrar a diversidade e pluralidade que compõe a categoria mulher que abrange os estudos feministas e de gênero. A visão pós-estruturalista, com a finalidade de desatar os nós que prendem, e por vezes ignoram, as inúmeras conjunturas políticas, históricas e sociais de cada mulher sujeita aos padrões hegemônicos e às produções simbólicas arbitrárias, pretende expor que tal universalização não auxilia nos questionamentos feministas. Portanto, se mostra como um dos instrumentos utilizados numa estratégia de regulação, identificado no *corpus* deste trabalho. Como bem demonstram Mariano (2005) e Butler (2003), desconstruir o sujeito do feminismo, a(s) mulher(es), não significa desconsiderar sua existência, mas “libertá-lo do seu caráter normativo e fixo, que mantém e reproduz subordinação” (MARIANO, 2005, p. 494).

Assim, vê-se que o conteúdo analisado na página Pensando Pensamentos apresenta um conjunto de estratégias reguladoras de cunho sexista. A maneira de expor tal conteúdo pode renovar-se, ao fazer parte do ambiente tecnológico e dirigir-se a um novo tipo de público, em rede, como observado por Recuero & Soares (2013). Porém, as características do digital não eliminam os traços históricos que oprimem as mulheres em várias instâncias como sexualidade, comportamento, estética e violência simbólica. Mais do que isso, ampliam as possibilidades ao atingirem mais pessoas, permitindo a concentração de públicos em torno deste conteúdo, como um espaço privilegiado de manutenção de uma construção reacionária, ao promover interações, curtidas e compartilhamentos. O fato de esses padrões hegemônicos estarem presentes no Facebook faz com que tais crenças persistam, ganhem visibilidade e possam ser facilmente encontradas, assim como as características das informações disponíveis nas redes, explanadas por Recuero & Soares (2010). Pode-se dizer que o objeto analisado nesta monografia apresenta preconceitos atualizados em um ambiente da pós-modernidade e não só ele, como suas interações dentro da malha social, reiteram as condições desiguais entre os

gêneros. As estratégias de regulação identificadas na página *Pensando Pensamentos* se mostram não só nas questões de gênero como também nas peculiaridades das redes sociais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo principal compreender como se dá o processo de consolidação de um discurso hegemônico em uma página de rede social na Web, a fim de problematizar a presença de posturas reacionárias e sexistas decorrentes de disparidades dentro do ciberespaço, em especial na rede social Facebook. A escolha do tema deu-se a partir de um estranhamento diante da contínua aceitação de desigualdades em relação àqueles que fogem dos padrões socialmente preestabelecidos. Tais crenças e representações de gênero podem ser observadas nas mais variadas instâncias do corpo social. Como consequência dos estudos em Comunicação Social e das reflexões sobre o papel do jornalista, tomou-se o aprofundamento dessa temática como objetivo de interesse público e acadêmico na presente monografia.

Um profissional do Jornalismo deve estar atento a tais propagações. A Web permite identificar determinados discursos, entre eles o reacionário evidenciado neste trabalho, que em geral encontram-se registrados privilegiadamente nesta plataforma para quem deseja estudá-los e/ou desconstruí-los e que podem ser acionados a qualquer momento, inclusive pelos que sofrem com as desqualificações. Ao reflexionar a Comunicação Social e o Jornalismo, apoiando-se nos desafios propostos pelo advento da Web 2.0 e pelo significativo aumento do fluxo de informações disponíveis na Internet, verificou-se o ciberespaço como ambiente propício a redimensionar a reprodução desses padrões hegemônicos. Dessa forma, considera-se a Internet e suas possibilidades como um material adequado e oportuno para pesquisas da ordem desta monografia. Assim, foi proposto um estudo com o intuito de expor e trazer à tona manifestações sexistas no ciberespaço, bem como propor um questionamento a respeito de tais produções simbólicas e os sentidos que (re)produzem.

Isso posto, esse trabalho buscou alcançar alguns objetivos específicos: 1) verificar a presença de um caráter regulador de gênero nas postagens; 2) identificar estratégias de regulação das práticas sociais e/ou sexuais das mulheres; 3) verificar as origens das justificativas ou motivos para tais representações; e 4) verificar a manutenção do padrão de discurso hegemônico presente nas postagens. Para tanto, foi estruturada uma investigação com base em referenciais teóricos que amparavam as reflexões e em uma metodologia que utilizou como métodos uma

análise de conteúdo baseada em aspectos da análise de discurso mediada por computador. Esses referenciais metodológicos contribuíram na organização e estruturação da busca por evidências representativas dos objetivos desta monografia. Foi definido o *site* de rede social Facebook, em especial a página Pensando Pensamentos, como *corpus* da pesquisa, e os estudos de gênero e da comunicação mediada por computador como os seus principais pilares teóricos e metodológicos.

Ao ponderar a propósito de questões sexuais e de gênero, a primeira parte desta monografia buscou rever os principais processos sociais de opressão pelos quais passaram as mulheres no decorrer dos tempos. Ademais, adentrou-se na tentativa de esclarecer o conceito de gênero utilizado no âmbito acadêmico, problematizando a divisão binária reguladora entre o feminino e o masculino, que tem por consequência uma normatização de crenças e representações que marginalizam parcelas da sociedade que não se enquadram aos padrões vigentes. Essas reflexões permitiram uma compreensão mais aberta das manifestações encontradas na página, objeto da análise proposta. Foi discutido o surgimento e a evolução do movimento feminista no que tange a política e a academia, por meio de uma perspectiva pós-estruturalista, a fim de propor indagações aos moldes hegemônicos e heteronormativos que vigoram na atualidade. Ao propor uma ótica feminista para este trabalho, nota-se seu caráter político, ao ser influenciado por autoras e mulheres que se atreveram, e ainda se atrevem, a perseguir caminhos alternativos e contestar os modelos estabelecidos.

A segunda parte desse trabalho foi centralizada na comunicação mediada por computador, a fim de mensurar suas possibilidades sociais. Foi exposto o conceito de ciberespaço e as novas possibilidades de interação social que surgem com o advento desse meio. Além disso, discorreu-se sobre a história da Internet e a segunda onda de geração de serviços que se está vivenciando na atualidade, a Web 2.0. Os estudos sobre as redes sociais demonstraram novas perspectivas no que se refere às formas de expressão e interação social, bem como às construções identitárias dos atores do ciberespaço. Viu-se como se dá o funcionamento da rede social Facebook, principal *site* de rede social no mundo, e as relações dentro dele. O conceito de violência simbólica contribuiu para o entendimento dos tipos de processos sociais que ocorrem na rede social e que muitas vezes podem passar despercebidos. O material disponível na Web e, em especial, no Facebook, pode ser

considerado fonte jornalística de grande importância. Os registros textuais ali presentes possibilitam a realização de reflexões pertinentes sobre comportamentos variados e, nesse caso em específico, sobre as subjetividades das relações de poder e gênero. Toda reflexão presente nessa revisão bibliográfica amparou de forma significativa, servindo como suporte, as observações que foram constatadas no momento da verificação dos dados obtidos para esse estudo.

Foram analisadas 16 publicações da página do Facebook Pensando Pensamentos. As imagens selecionadas foram publicadas entre os dias 12 de abril e 16 de outubro de 2014, ao longo de seis meses. Os objetivos específicos dessa monografia foram alcançados por meio de quatro unidades de análise, que tinham como finalidade auxiliar na interpretação dos termos, do sentido, da natureza e das interações para com o material coletado.

A primeira unidade de análise demonstrou que todas as imagens analisadas possuem um caráter regulador de gênero que pode ser considerado sexista. A segunda etapa buscou verificar as estratégias de regulação das práticas sociais e/ou sexuais das mulheres e os comportamentos desprezados nas postagens, por meio de uma investigação da produção de sentido das publicações. Na terceira unidade, para identificar as origens das justificativas ou dos motivos para as depreciações observadas, a natureza dos menoscabos foi investigada e categorizada entre caráter comportamental ou estético. A quarta e última unidade de investigação procurou identificar a manutenção dos padrões expostos nas imagens analisadas através das interações disponíveis na página. Foi possível, graças ao pós-estruturalismo, realizar uma leitura crítica e refletir sobre uma desnaturalização dos moldes impostos, em particular no que tange as relações de gênero, com a finalidade de reconsiderar e revisar as representações generalistas e estereotipadas.

Foi observado um julgamento constante no que tange o exercício da sexualidade das mulheres ao longo de toda análise. De alguma forma ou de outra, as táticas reguladoras visíveis no conteúdo investigado, correspondentes à estética, às particularidades ou ao comportamento das mulheres, sempre pareciam estar relacionadas à sua sexualidade. Foi constatado que enquanto o ponto de vista do homem branco heterossexual persistir como agenciador de opressão e de regulação, as mulheres (e demais minorias) seguirão destinadas a investidas sexistas e preconceituosas. Tais investidas acarretam em desdobramentos sociais como a violência sofrida pelas mulheres, muitas vezes justificadas pelos seus

próprios comportamentos, por vezes emancipadores, inspirados no movimento feminista. Ademais, foi possível perceber uma generalização sobre as mulheres no conteúdo disponível nas imagens analisadas. Ao ser dirigido a uma categoria genérica de “mulheres”, o conteúdo demonstra uma tentativa de situar todas as mulheres em um único patamar, o de dependência e subordinação ao masculino. Perante a constatação desse fato, aclara-se a possibilidade de desconstrução do sujeito do feminismo, como propõe Judith Butler (2003), como uma estratégia de emancipação e, ao mesmo tempo, de abrangência maior dos inúmeros horizontes e hipóteses que abrangem o “ser mulher”.

Ao analisar um conteúdo aparentemente inofensivo de uma página do Facebook, foi possível perceber as implicações de tais manifestações ao contribuírem para a manutenção de padrões que acarretam nas estatísticas demonstradas na introdução desta monografia. Constatando a grande aceitação das ideias difundidas pela página, nota-se a necessidade de instrumentalização de um discurso desconstrucionista a fim de provocar questionamentos, já que poucos se atrevem a isto. As unidades de análise permitiram objetivar as subjetividades presentes e aceitas no cotidiano, que auxiliam na aceitação das imposições históricas como "naturais", justificando a posição inferior das mulheres em pleno século XXI.

É importante ressaltar que este trabalho encontra-se longe de decompor e dissolver todas as instâncias e possibilidades que acompanham as relações de gênero e sexualidade e, também, os horizontes que podem ser contemplados pelas potencialidades dos feminismos junto às reflexões sobre o ciberespaço. Percebe-se um vasto campo de pesquisa e reflexão, suscetível a incontáveis questionamentos, impossíveis de serem amparados por completo em um trabalho de conclusão de curso, e necessário para a evolução dos pensamentos a respeito dos direitos humanos e da diversidade.

Portanto, a presente monografia buscou expor o sexismo presente na página Pensando Pensamentos e provocar uma reflexão a propósito das reproduções de discursos representativos das desigualdades de gênero que ainda permitem representar violências simbólicas dentro do ciberespaço. Junto ao empreendimento de apresentar de um estudo de significante interesse público a respeito dessa temática, a autora julga pertinente, aos estudos de Comunicação Social e Jornalismo, uma maior abrangência no que tange as relações de gênero na mídia,

nas organizações, e em todos os eixos da comunicação. Vê-se necessário um constante debate, com intuito de qualificar os públicos diante desta temática, por meio de uma prática jornalística amparada em tais questionamentos disponíveis na academia, baseadas em referenciais teóricos que embasam a crítica e auxiliam a superar o senso comum.

É inegável que os padrões hegemônicos e heteronormativos persistem como modelo generalizado. Contudo, uma forma única de representação social pode ser sufocante e, por vezes, cruel, como demonstra o sexismo e as demais desigualdades sociais e prejulgamentos existentes na atualidade. Assim, percebe-se a necessidade de dar continuidade às interpelações desses moldes violentos, buscando desconstruir e desnaturalizar as matrizes que vêm sendo estabelecidas ao longo dos tempos, especialmente no que diz respeito às relações de gênero, sexualidade e feminismos, com o propósito de repensar os caminhos a serem seguidos. É possível, sim, atentar a outras possibilidades de escolha.

REFERÊNCIAS

BARNES, Susan. Presentation of Self: theory and methods. In: BRAGA, Adriana (Org.). **CMC, identidades e gênero, teoria e método**. Serviços Gráficos da Universidade da Beira Interior. Covilhã, Portugal, 2005.

BEAUVOIR, Simone de [1949]. **O segundo Sexo**. Buenos Aires, Psique, 1954.

BOYD, Danah M.; ELLISON, Nicole B. **Social network sites**: Definition, history, and scholarship. Journal of Computer-Mediated Communication Vol. 13, Issue 1, p. 210-230, 2007.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero** - feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FUNCK, Susana Bornéo**.** Desafios atuais dos feminismos. In: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska (Orgs.). **Estudos Feministas e de Gênero: Articulações e Perspectivas**. Florianópolis, Mulheres, 2014.

HERRING, Susan C. (2001). “Computer-mediated discourse”. In: Schiffrin, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E. (eds.). **The Handbook of Discourse Analysis.** Oxford, Blackwell Publishers, p. 612-634. Disponível em: http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmd.pdf. Acesso em set. de 2014.

_____ (2004). “Computer-mediated discourse analysis: An approach to researching online behavior”. In: BARAD, Sasha; KLING, Rob; GRAY, James J (eds.). **Designing for Virtual Communities in the Service of Learning**. New York: Cambridge University Press, pp. 338-376. Disponível em: http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmda.pdf. Acesso em set. de 2014.

_____ (2013).” Discourse in Web 2.0: Familiar, reconfigured , and emergent”. In: **Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics 2011: Discourse 2.0: Language and new medi***a*. Washington, Georgetown University Press, pp. 1-25. Disponível em: <http://ella.slis.indiana.edu/~herring/GURT.2011.prepub.pdf>. Acesso em: 3 set. de 2014.

IRIBURE, André. **As representações das homossexualidades na publicidade e propaganda veiculadas na televisão brasileira: um olhar contemporâneo das**

últimas três décadas. Tese de Doutorado. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

LEMOS, André. **Ciber-Socialidade. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. Disponível em http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/cibersoc.html. Acesso em set. de 2014.

LÉVY, Pierre. **A Inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. In: **Revista Estudos Feministas** 13(3): 330. Florianópolis, 2005.

MEYER, Dagmar Estermann. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. In: **Revista Brasileira de Enfermagem** 57-1. Brasília, 2004.

MONTEIRO, Maria Conceição. Figuras Errantes na Época Vitoriana: A Preceptora, a Prostituta e a Louca. In: **Revista Fragmentos**, v. 8, n. 1. UFSC, Florianópolis, 1998.

NICHOLSON, Linda. **Interpretando o gênero**. Revista Estudos Feministas, v.8, n. 2, 2000. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917>. Acesso em: 3 set. 2014.

O'REILLY, Tim. **What Is Web 2.0**:Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software.O'ReillyPublishing. 2005. Disponível em: <http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html>. Acesso em: 3 set. de 2014.

PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. Brasília: E-Compós, v. 9, p. 1-21, 2007.

_____. O que há de social nas mídias sociais? Reflexões a partir da teoria ator-rede. In: **Contemporanea**, vol. 10, n. 3. Salvador, 2012.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2014. 2 ed.

_____. **Atos de Ameaça à Face e à Conversação em Redes Sociais na Internet**. In: PRIMO, Alex (Org.). A internet em rede. Porto Alegre: Sulina, 2013.

_____. **Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet**. In: Revista FAMECOS n. 38, p. 118-128. Porto Alegre, 2009.

RECUERO, Raquel; SOARES, Pricilla. **Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage "Diva Depressão".** Galaxia (São Paulo, Online), n. 26, p. 239-254, dez. 2013.

RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. **Signs**, Vol. 5, No. 4, Women: Sex and Sexuality. (Summer, 1980), pp. 631-660. Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/3173834?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21105202644483>. Acesso em: 6 out. de 2014.

RUBIN, Gayle S. Tráfico Sexual - entrevista. Entrevista concedida a Judith Butler. **Cadernos Pagu**, (21). 2003. p. 157-209.

SARTI, Cynthia Anderson. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma tejetória. In: **Revista Estudos Feministas** 12(2) - 264. Florianópolis, 2004.

SILVA, Marcia Veiga da. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias, 2010. 250f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SWAIN, Tania Navarro. Por falar em liberdade... In: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska (Orgs.). **Estudos Feministas e de Gênero: Articulações e Perspectivas**. Florianópolis, Mulheres, 2014.